A PRECÍTA

OU

UMA VISITA

DO

MARQUEZ DE POMBAL.

Drama original Portuguez,

EM 4 ACTOS.

POR

Antonio Joaquim de Mesquita e Mello.

PORTO

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL
Rua de Bellomonte n.º 57.

1844

AO LEITOR.

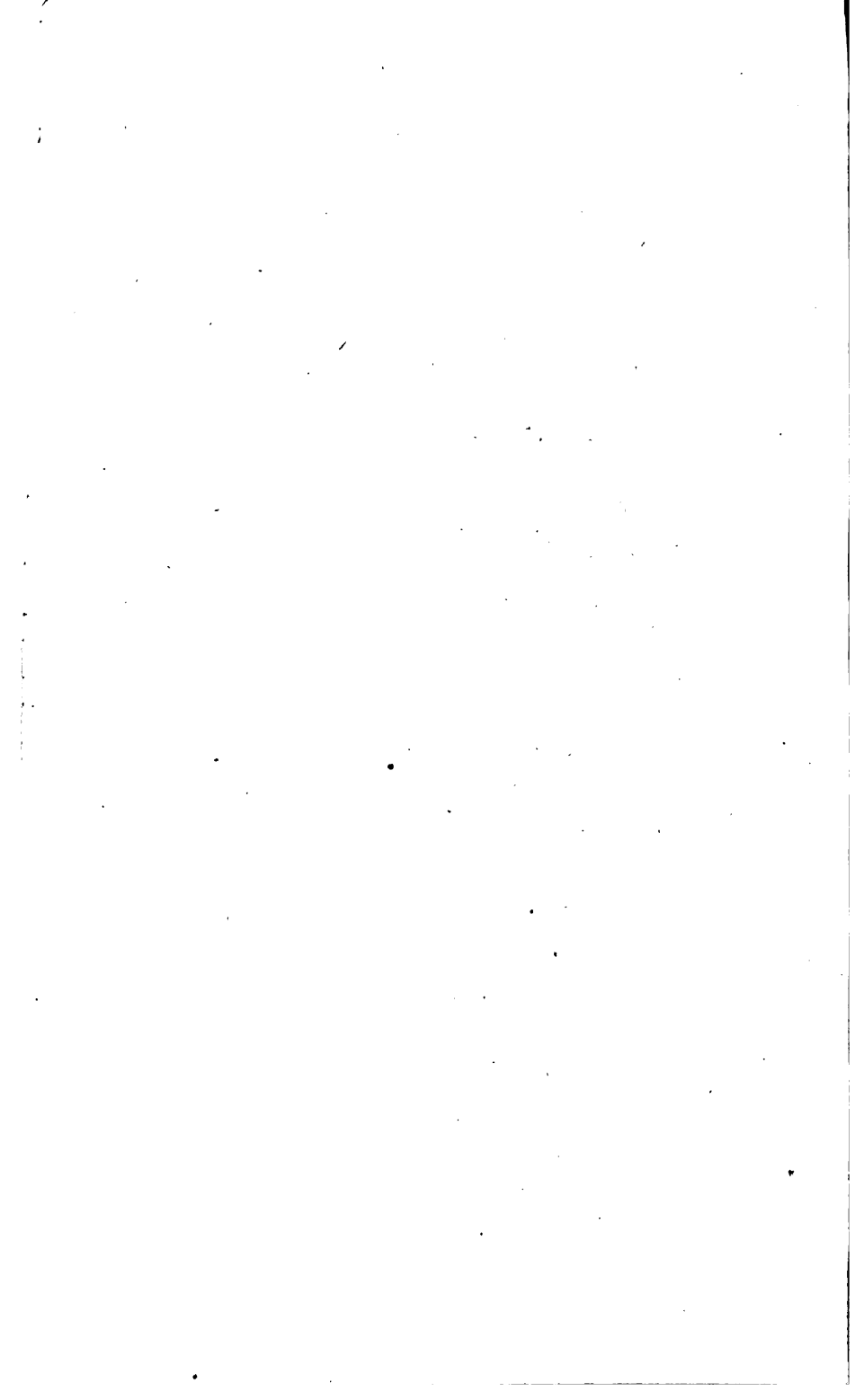
Um parente meu, de probidade e boa conversação, contemporaneo do *Marquez de Pombal*, seu grande partidario, e que se dizia mui sabedor da sua vida privada, me recreava nos meus primeiros annos com vários passos particulares d'aquelle Ministro, um dos quaes tomei para fundo do presente Drama; tendo em mira mostrar como o efficaz á sua Patria, tambem o era aos seus amigos.

O meu velho parente, estivesse, ou não enganado, asseverava a veracidade da acção que vai expor-se, em partes alterada, a bem do entrecho, e solução da peça: nesta expurguei defeitos sem poupar-me a fadigas, o que não obstante, ainda lhe ficarião muitos, para assim se me tornar mais dura a triste situação, que rebate os meus esforços!...

A PRECÍTA

OU

UMA VISITA

DO

MARQUEZ DE POMBAL.

PERSONAGENS

DUARTE— Fidalgo d'uma linhagem distincta.

DOROTHEIA
ALEXANDRE } Seus filhos, e o ultimo, filho supposto de

GUIOMAR.

HELENA — Irmã de Guiomar, ambas addidas á Familia de Duarte.

FERNANDO — Filho supposto de Duarte, e verdadeiro de Guiomar.

O MARQUEZ DE POMBAL.

UM JUIZ DE FORA, e Soldados.

UM INQUISIDOR, e Familiares.

ANSELMO — Amigo de Duarte.

MARTINHO
SILVESTRE } Criados de Duarte. O primeiro em qualidade de seu escudeiro, o segundo de feitor.

A Scena é em tempos do Reinado do Snr. D. José 1.º, no solar de Duarte, sito em uma Aldêa perto de Lisboa.

ACTO I.

O Theatro representa um antigo salão com uma porta á direita dos Expectadores, outra á esquerda, e outra no fundo.

SCENA I.ª

GUIOMAR E HELENA.

HELENA

O CERTO é, minha irmã, que fizemos a fortuna de teu filho.

GUIOMAR

Ah! Helena, o que chamas fortuna é á custa da minha atribulada consciencia!

HELENA

Que sempre te estejas atormentando?! não ha pertinacia mais desgraçada!

GUIOMAR

Ainda tu não avalias a centesima parte dos meus padecimentos: estes olhos nada divisão que agradavel me seja; antes me reproduzem em tudo o horror que está em mim mesma. A sociedade me incommóda, parecendo-me a todos notoria a minha perversidade! Nas zumbaias, nas bajulações do mundo não vejo mais que uma ironía continuada, uma verdadeira arguição! E o ermo da noite! Oh!

meu Deos !! O dormitar dos enfêrmos em comparação do meu, é delicioso, e faz-se-me necessario affugentar esse mesmo para não me espedaçarem sonhos infernaes ! De quantas noites, porem, esmagão ha tão longo tempo este angustiado coração, a de hoje foi, sem duvida, a mais tormentosa : ou não ha preságios, ou o dia nascente vai desenvolver toda a nossa desgraça !

HELENA

Effeitos são esses do teu escrupulo demasiado.

GUIOMAR

Demasiado ?! Oh ! minha irmã, pois o amavel dono deste solar, o caro a esta Aldea, manda-nos para casa e confia a nossos desvelos seu filho recem-nascido ; nós com a mira nos grandes vinculos, em que o malfadado menino era successor, o trocamos pelo meu aleivosamente ; e o meu escrupulo é demasiado ?!! Não bastava ao infeliz Duarte, que a morte lhe roubasse a Esposa no parto daquelle menino ? cumpria ainda que lhe usurpassemos este doce penhor ?! E que diremos da refinada maldade, e impudencia, com que vivemos em companhia deste illudido homem ! elle, que na minha viuvez nos trouxe para si, que nos venera, e se nos diz grato a cada momento ; grato a nós que o havemos trahido com uma aleivosia sem igual !! Helena, não nos lisongeêmos ; resolvamo-nos antes a declarar um delicto, de cujo segredo vejo encadearem-se funestissimas consequencias.

HELENA

Nunca eu em tal consentirei ; nem sei como disso possas lembrar-te ; felicidade de filhos é objecto exclusivo de quem lhes ha dado o ser. Não é novo ver-se um pai que por essa felicidade excogite, e pratique as traças mais reprovadas, e quando no leito da morte lhe peza n'alma o alheio, a lembrança de que tem filhos embarga a restituição, até que morre em fim, deixando opulenta a sua descendencia.

GUIOMAR

Mas em geral execrada.

HÉLENA

Nós achamos um meio facil d'enriquecer o teu Fernando, sem causar lagrimas, nem attrahir imprecações de pessoa alguma; ignorando elle o acontecido, o que não é pouco para completar a sua ventura. Teu supposto filho, Alexandre, tambem não sabe da sua perda, e assim nada tem a sentir: não sei pois aonde está aqui o motivo da tua afflicção extrema! Alem de que uma acção praticada ha dezenove annos, tempo é já de nos esquecer.

GUIOMAR

E deixará esquecê-la o remorso?! Não, elle corre parelhas com a eternidade; este é o verdadeiro inferno!!

HELENA

Teu marido muito cooperou tambem para essa troca feliz.

GUIOMAR

Cooperou, sim, com ser parente do bom Duarte, o Ceo lhe perdôe, se pode; mas a complicidade não nos allivia de culpa.

HELENA

Não ha convencer-te! Guiomar, a fortuna negou-nos cabedal; e que fizemos? emendamos um erro da fortuna em um benemerito della; e se por isso alguma pena mereciamos, assáz punídas estamos com não poder dizer-lhe que elle nos pertence.

GUIOMAR

O nosso castigo deve ser outro, e bem outro! deixa-te, minha irmã, de sophismar em abono do crime; engenhoso, ou grosseiro, público, ou secreto, elle será sempre fulminado na justa proporção. Alguem haverá que não creia na existencia de Deos, mas Deos faz sentir a todos a sua justiça; e se não, vê como o infeliz de meu marido se finou atormentado!! Helena, para que ha de acontecer-nos o mesmo?! porque, dando mostras de *precita* (releva-me a expressão forte) não deixas desfazer-se enredo tão pernicioso?!

HELENA

De modo nenhum, e julga-me como quizeres; lembre-te que uma tal declaração nos lançára na penúria. Duarte, posto que magnanimo, nos expulsára de casa, se tambem não nos entregasse ao rigor das leis.

GUIOMAR

Mas é tão amarga esta subsistencia!... quanto, quanto o mendigá-la é mais doce aos que não são como nós! O' indigencia, tu és a forja de virtudes, e crimes!!

HELENA

Se a pobreza não te intimida, cause-te pavôr o descredito, em que ambas cahiriamos por tua confissão imprudente! A virtude é uma joia mui rara, mas a todos vulgar o desejo de a ostentarem: tirada a impostura, e a dissimulação ao mundo, eu não sei se lhe ficarião muitas das suas boas reputações.

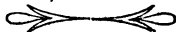
GUIOMAR

Esse pejo de patentear nosso crime é que me faz persistir nelle: miseras de nós!! Ai! o que resultará das nossas malfeitorias!!! Entre Fernando e Dorotheia inclinações se descobrem, que nos fazem tremer por a sorte d'ambos! Duarte anda suspeitoso...

HELENA

Ahi vem gente; queres te vejão em tanta perturbação?

GUIOMAR

A mim propria quizera occultar-me neste momento. (*Retirão-se pela esquerda.*)

SCENA 2.ª

DUARTE E DOROTHEIA, que entrarão pelo fundo, sendo seguidos de SILVESTRE, o qual trará um cesto cerrado, que pousará no chão com estrondo.

SILVESTRE.

Apra! que pezo! isto certamente traz michordia ve-

lha. Então, Senhor Fidalgo, acabemos com isto; V. S.ª acceita ou não acceita?

DUARTE

Já te disse que não quero presentes; leva lá para fóra.

SILVESTRE

Pois eu digo, que destas cousas para dentro, e mais para dentro; são juisos de homens.

DUARTE

Forte caustico me havia de vir agora!

SILVESTRE

Destes causticos não bota o nosso Cirurgião; quer que lh'os botem a elle, e olhem que não é tôlo.

DUARTE

Silvestre, não me impacientes mais......

SILVESTRE

Valhão-me as bemditas Almas! V. S.ª é que me impacienta a mim, querendo que eu me veja nos assados de se desfeitear o Lourenço da Paula com o recambiamento da sua offerta; pobre homem! quer-nos largar a lã em casa, serve-se de mim para empenho a fim de se lhe fazer a caridade, e então não ha de ir tosquiado?! ora isto não o quer Deos, nem os seus Sanctos: coitadinho, e como elle não iria de cara á banda!

DUARTE

Lourenço não deve escandalisar-se, visto eu nada acceitar de pessoa alguma, e especialmente de pobres como elle.

SILVESTRE

Ahi temos outra! nos pobres é que é o esfolar, e o moer; o corpinho destes rende como azeitona engelhada; estrancinhá-los a elles e lamberem-se a si, é o officio dos ricos: isto sempre assim foi, é, e ha de ser; e V. S.ª não ha de querer ir contra os usos e costumes.

DUARTE

Insensato, não juntes o insulto á tua louca porfia; eu jamais quiz que miseraveis se lesassem por amor de mim.

SILVESTRE

Valha-me Deos! olhem o que faz a gente não saber explicar-se! Meu rico Snr. Fidalgo, o Lourenço não manda cá isto por amor de V. S.ª.. ... bô, bô, bô, é por amor da amisade entre V. S.ª, e o Snr. Marquez, que na verdade são a unha e a carne; e o Lourenço queria ahi ageitar um modinho de vida; porque dos de morte estamos nós fartinhos até aos olhos, salvo seja. Percebe-me agora V. S.ª?

DUARTE

(*Com ira*) A amisade do Marquez de Pombal!......

SILVESTRE

(*A' parte*) Safa, que o homem traz diabo no couro!

DUARTE

A amizade do Marquez de Pombal, quero eu para desaffrontar a minha honra!

SILVESTRE

Pois devéras, V. S.ª acha-se affrontado nella? Oh! meu rico amo, e então não appella para as unhas deste seu ridiculo feitor! e mesmamente para as do Lourenço, que muito ha de estimar esta occasião de servir o seu proximo?! Olhe que para desaffrontar honras, não ha cousa como justiça caseira, tudo mais é historia; a justiça de fora sahe mais negra do que a tinta, e mesmo a alma dos seus meliantes.

DUARTE

Basta, é impertinencia de mais! retira-te com esse cesto, aliás....

SILVESTRE

Pois nem ao menos havemos de ver o que vem? tenho minhas cócegas de que são botelhas do regalado

carcavellos precioso moscatel de Setubal.... e nesse caso... (*voltando-se para Dorotheia*) Minha rica Senhora, por quem é peça ao Illm.º Snr. seu Paizinho hospitalidade para este cestito, em quanto ahi houver que chupar, que assim são todas as hospitalidades neste valle de lagrimas.

DOROTHEIA

Obedece sem réplica: tu já não estás bom.

SILVESTRE

Não, Senhora, matei só o bicho, e aqui para nós ainda não ficou morto cá como eu queria.

DUARTE

(*Para Silvestre*) Então ouviste, ou não ouviste?

SILVESTRE

Não se agaste V. S.ª, eu levo a encommenda.... pobre Lourenço! (*Vai para pegar no cesto e finge não o poder erguer*) Oh! páu... não vai.

DUARTE

O' maldito, pois tu podeste-o trazer, e não o podes levar?!

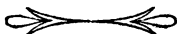
SILVESTRE

V. S.ª falla bem; o trazer disto para casa é uma cousa, e o levar é outra.

DUARTE

(*Aproximando-se de Silvestre com ar ameaçador*) Pois eu te darei forças......

SILVESTRE

Nada, nada, Sr. Fidalgo, não se incommode, eu não preciso d'espora; sempre irei carregando com elle como eu poder. Eis aqui o que se chama botar a fortuna pela porta fóra aos pontapés. (*Retira-se pelo fundo com o cesto.*)

SCENA 3.ª

Os ditos, menos SILVESTRE.

DUARTE

Ainda, Dorotheia, não me resolvi a banir-te deste coração macerado; ainda aqui tens o lugar de filha, e toda a minha cólera, todas as minhas maldições recahem nesse teu irmão corrompido, que eu olho como lobo, de quem és salteada, e te defendes do modo que o teu fraco sexo permitte. Mas vejo não te alegrares com tamanha felicidade, qual não deverias esperar, antes percebo no teu espirito atribulação, e desordem! Por nós ambos eu tremo! uma terrivel metamorphose nos ameaça; e então tigres ambos nos devoraremos!!

DOROTHEIA

Meu Pai, por vida vossa, não vos irriteis!

DUARTE.

(*Com energia*) Vê de que peito vem o sagrado titulo de Pai! com que labios o pronuncias!...

DOROTHEIA

Elle mana d'um peito cheio da vossa imagem, e por labios que a morte cedo gelará, quando na mão veneranda os não deixeis imprimir.

DUARTE

Bem, eu me violento a acreditar-te; mas em breve, como te aprouver, tu me farás doce o crer-te, ou amargo, e quã amargo! o negar-te fé! O momento da experiencia chegou, exulta, ou treme! Sim, minha filha, o meu reconhecimento para com aquella, a quem deves os desvelos de Mãi, como se o fôra pela natureza; uma justa compensação de lhe eu ter dado a crear um monstro; e mais ainda a minha predilecção invencivel por seu

filho Alexandre, me tem determinado faze-lo meu genro: ainda não toquei neste negocio a D. Guiomar; mas espero mereça o seu beneplacito, tanto por a amisade que a todos nos consagra, como pelas vantagens que elle lhe offerece. Se pois acceitas com gosto a mão de teu Primo, a minha benção te cubrirá, se a recusas!... mas que é isto?! (*encolerisa-se*) As minhas palavras te ferirão como um raio, precursor dos raios celestes, que chamas sobre tua cabeça, ó mulher incestuosa!!!

DOROTHEIA

Incestuosa.... ignoro o que dizeis.

DUARTE

Fallo do tracto revoltantemente illicito que mostras ter com teu irmão degenerado.

DOROTHEIA

Que epitheto me dais!! Eu me horroriso!!! Ah! não, Senhor, eu não sou isso! não, não, e sem cessar não! desgraçada sim, um sem numero de vezes, e unicamente desgraçada, pois vos desobedeço sem querer, nem atinar com a razão porque vos desobedeço!

DUARTE

Qual pode ser essa?!

DOROTHEIA

Não a sei....

DUARTE

Qual pode ser essa?!

DOROTHEIA

Acreditai-me, não a sei.... no espirito e qualidades d'Alexandre, no seu pórte gentil não a encontro; na minha sympathia menos a descubro, não a sei....

DUARTE

Pois eu lhe vejo claro a corrupta origem: o amor

peccaminoso, que te avilta aos olhos de Deos e dos homens, é quem te faz olhar com desprezo tudo que não seja o teu infame! mas eu lhe farei perder a patria que elle deshonra: desherdado, coberto das minhas maldições, e da sua ignominia, elle comerá o pão do desterro, o desterro que entre os miserrimos haver possa mais desabrido! Feras serão a sua companhia, não as estranhará, que sua é tambem a natureza dellas!

DOROTHEIA

Mas, Senhor, um sacrificio tão duro é inefficaz, é injusto: não perca Fernando o domicilio paterno, que o seu crime, ou não crime é tambem o meu, e eu lhe accumuló o de supplantar o vosso preceito! Immolai pois antes a filha rebelde, por uma força occulta; um convento, um convento asperrimo... o Louriçal, ou qualquer outro mais austero, se o ha, seja aonde eu vá esconder a minha desgraça, e o meu incomprehensivel opprobrio, que não ouso negar, e em mim não conheço: lá consumirei esta vida escandalosa aos vossos olhos, reprehensivel aos meus, e igualmente justificada! Ahi talvez movido das minhas lagrimas e penitencias, Deos me esclarecerá este mysterio espantoso!

DUARTE

O domicilio do perverso será na Africa; a tua clausura, em minha casa; eu a farei austéra a meu modo, até me obedeceres!

DOROTHEIA

E' impossivel!...

DUARTE

Até me obedeceres!...

DOROTHEIA

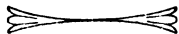
A natureza não o permitte!

DUARTE

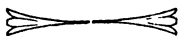
A minha lidima vontade poderá mais que essa na-

tureza depravada! Vai, insolente, e dize à D. Guiomar, e sua digna irmã, que desejava fallar-lhes.

DOROTHEIA

Parto a servir-vos. (*Segue á parte*) Oh! meu Deos, como elle teima no seu projecto! ... (*Retira-se pela esquerda.*)

SCENA 4.ª

DUARTE *só*

Que ouviste, Pai desventurado, que ouviste?! concitado da febre violenta da paixão, o teu sangue se rebella contra o teu sangue; remedios urgem tambem violentos: aspereza te cumpre capaz de regenerar a filha corrompida! não te illuda aquella ingenuidade apparente, com que ella te confessa, e faz ao mesmo passo duvidoso o seu crime: se olhos paternaes hão de turbar-te, arranca-os, arranca o proprio coração! Mas ah! que seja fulminado o indigno Fernando, embora; porem Dorotheia...... Dorotheia... sim, sim, por isso mesmo que mais te morres por ella, mais o ultraje da ingrata os teus rigores desafia! Adoravel sombra de sua Mãi, já te não choro, tu escapaste a tanta amargura, eu te felicito!

SCENA 5.ª

GUIOMAR, HELENA, e DUARTE. As duas entrarão pela esquerda, detendo-se um pouco ao bastidor, sem que DUARTE se aperceba dellas, pela distracção em que deve achar-se.

GUIOMAR

Vê-lo, Helena?! Eis o victimado á nossa perversidade! Como lhe fallaremos?!

HELENA

Coragem, minha irmã, aqui me tens a ajudar-te. (*As duas se aproximão de Duarte, levada Guiomar pelo braço de Helena.*)

DUARTE

(*Tornando em si*) Oh! sejais bem vindos, Anjos consoladores meus.

HELENA

Ao menos o nosso desejo é comprazer-vos em tudo, e sermos gratas á distincção com que nos trataes.

GUIOMAR

Oxalá o fôramos!.....

DUARTE

Se taes são, como creio, vossos sentimentos, occasião tendes agora de os verificardes mais que nunca. D. Guiomar, já Dorotheia vos daria talvez a conhecer o meu brilhante designio.

GUIOMAR

Sim, Senhor, vossa filha expressou vossas ordens; e depois... depois balbuciou palavras, que muito......

HELENA

Que muito te obrigão, e a mim tambem como Tia amante.

DUARTE

Não tendes a dar-me agradecimento algum, mas desculpa de consultar antes da vossa, a vontade de Dorotheia; quando da vossa é que unicamente dependo.

GUIOMAR

Vós me fazeis grande honra; mas.... (*Segue á parte para Helena*) Helena, eu succumbo!

HELENA

(*A' parte para Guiomar*) Constancia.

DUARTE

Não vos acobarde, D. Guiomar, vossa escacez de cabedal, pois apesar dessa, o consorcio proposto me offerece muita vantagem: meu Primo, filho teve de benção: Alexandre assemelha em tudo os seus maiores, quando o filho que tenho apenas no externo os assemelha; de tal desgraça o meu novo genro me indemnisa, posso, e quero faze-lo feliz, com tanta mais razão, quanto elle por sua Mãi é tambem de sangue illustre, o que se ainda não bastára, um premio vos devo, e este fôra só o sufficiente. Então que me dizeis?

GUIOMAR

Que posso eu responder-vos?. ...

HELENA

Senhor, Dorotheia debulhada em lagrimas commoveu e transtornou minha irmã por tal modo, que ainda não está senhora de si.

DUARTE

(*Encolerisando-se*) Não vos perturbem essas lagrimas, que ellas me deslustrão e por ellas receio uma repulsa vossa; essa temo eu, e não a da filha rebelde! Eu saberei arrasta-la ao seu dever; a minha honra será salva, a pedra de escandalo quebrada, o perfido Fernando não verá mais o sol da patria!

GUIOMAR

(*Agitada*) Ah! Senhor, que fazeis?!!

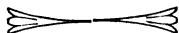
HELENA

(*Em commoção*) Não percaes vosso filho, sim, elle é vosso filho! ...

DUARTE

Tambem vós, D. Helena, vos condoeis de criminosos!!! Então como vos admiraes de vossa irmã! (*Com voz forte*) Pois juro-vos que elle será punido, horrivelmente punido, e quanto a Dorotheia o meu plano está feito. (*Baixando de tom*) Mas alguem anda perto destes lugares; separemo-nos, e quando estejais mais tranquillas terminaremos a nossa conferencia. (*Retirão-se, Duarte pela direita, Guiomar e Helena pela esquerda; dizendo Guiomar para Helena*)

GUIOMAR

Não ha um trance como este!!

SCENA 6.ª

ANSELMO e MARTINHO, que entrarão pelo fundo: ANSELMO virá em trajes de ter vindo a cavallo.

MARTINHO

Para aqui fallava meu amo, não ha cousa mais certa; e fallava tezo; mas para onde foi elle? isso agora perguntem-no a Sancto Antonio, que é o advogado das cousas perdidas.

ANSELMO

Vai procura-lo.

MARTINHO

Quem? eu? assim sou eu tôlo: não ouvio V. S.ª como elle berrava ahi não sei com quem? quer agora que elle esfrie os calores da sua colera nas costas do criado, ou no que mais a geito lhe ficar? Nada, nessa não cahe Martinho Peres.

ANSELMO

Não te demores, que a minha visita é em utilidade

de teu amo: annuncia-lhe que está aqui o seu amigo Anselmo, para dar-lhe conta da commissão que delle recebeu para a Côrte.

MARTINHO

Bravo! pois V. S.ª vem da Côrte! é força de negocio... nem lhe deu tempo de tirar as botas. E como as esporas vem tintas do sangue da sua alimaria! para o pouco que dista de Lisboa á nossa aldeia, não foi mal servida. Coitadinha! ficou ella em casa ao menos bem pensada? que miseria! dizem alguns ser a Côrte o açougue dos burros, e eu digo que é o dos pertendentes; o dos burros está na volta.

ANSELMO

Parece que tu queres provar o meu soffrimento.

MARTINHO

Não, Senhor, não, tudo isto é necessario. Oh! a Cidade nova em que termos vai? aquelle Snr. Marquez, que assim resuscita Lisboa do terremoto, dizem-me que faz com o seu lusio tremer as carnes a quem está comprehendido em alguma ratada: o Magano falla com o diabo á meia noite, passa por ser de vista curta, e tem-a tão comprida!!...

ANSELMO

Valha-me Deus!

MARTINHO

Mais uma perguntinha; que tal é o negocio cá do Snr. Fidalgo? certamente ha de ser dos de bico revolto, algum empregalhão dos de sete mangas...... e bem haja elle em chegar a braza para a sua sardinha, que este mundo está uma roda dos engeitados, creança que não berra não chucha, e quando Deos quer, nem berrando, se lhe acode á beiça.

ANSELMO

Não sejas maldizente, Pombal attende o Merito. E's um criado bem mal creado, e bem curioso!

MARTINHO

Mal criado deste tamanho? de vagar com esses golpes: lá curioso está dito, isso é cá da profissão.

ANSELMO

Já vejo que recusas annunciar a teu amo a minha vinda; pois bem, ir-me-hei embora, mas elle saberá que por tua culpa tardei em fallar-lhe.

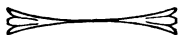
MARTINHO

Crédinho, crédinho, Senhor Anselmo! nunca Deos permitta que por culpa minha tarde a falla a ninguem: eu vou ja rebolindo em cata do Snr. Fidalgo: mas porque parte hei de eu ir? por acolá (*apontando para a porta do fundo*) não sahio elle, que se não nós o encontrariamos. Restão duas portas a escolher; por qual enfiarei.... façamos raciocinio de cão. (*Começa a tomar o cheiro á porta da direita*) Mas como, se as ventas do animal me faltão!

ANSELMO

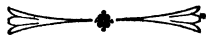
Avia-te, demonio.

MARTINHO

Demonio!! então vou pela porta da esquerda, que é o lado do diabo, póde ser que acerte, elle ás vezes não é dos peores advogados. (*Retira-se pela esquerda*).

SCENA 7.ª

ANSELMO *só.*

Que não tomasse eu o mais pequeno repouso, só para vir dar conta de mim ao meu amigo, com aquella exactidão, e presteza que o zêlo da nossa amisade pede, e que este maldito domestico tenha illudido a minha efficacia! Não ha desafôro mais provocador! Muito soffre quem atura criados! e ha nescios que se empobressem para se rodearem desta chusma importuna e lesiva, a quem o estado de servidão faz contrariar,

e aborrecer a quem serve! Insensatos! bem caro pagão elles o seu ocio e vaidade!

SCENA 8.ª

O dito e MARTINHO, *que voltará pela esquerda.*

MARTINHO.

Ai! ai! que venho derretidinho de todo!

ANSELMO

Que excogitas de novo para me atormentares? temos alguma teia d'aranha mais a embaraçar-te?

MARTINHO

Sim, teia d'aranha... vou dar com a Menina cá de casa... olhe que não tem maus bigodes, só por aquelle bocadinho de cara se pode servir o velho de narizes; sim, Senhor, vou dar com a Snr.ª D. Dorotheiazinha, e a Snr.ª D. Guiomar agarradas uma á outra, a chorarem como vides talhadas; isto é teia d'aranha, é um pau por um olho; e então eu, que em vendo chorar moça bonita, ja não sei de que freguezia sou! e faço muito bem; o homem que não é amigo das mulheres, menos o é dos homens.

ANSELMO

(*Á parte*) Pranto em Dorotheia não me admira, mas em Guiomar!... terá compaixão da infeliz.

MARTINHO

Como que o vejo atrapalhado, ha de ser por a rapariga; e tem toda a rasão: eu no lugar de V. S.ª, ainda que já está soldado de pé de castello, ia-lhe arrumando quatro finezas; olhe que não cahião em saco rôto: mulheres e pombos gostão do incenso, queime-o quem o queimar.

ANSELMO

Agora me offendes no ultimo ponto.

MARTINHO

Isto não vai a agoniar. Na verdade, atarantarão-me as duas Salumés a acarinharem-se reciprocamente, que lá a solteirona da Snr.ª D. Helena, essa estava muito enxuta, estava na sua natureza; mulheres umas para as outras são como cadellas! o que ella tinha de mais a mais, era uma carinha assim a modo de *precíta*, e o que fazia, era metter a falla ao buxo da pobre irmã com o seu bedelho. Então sempre quer que lhe busque o Snr. Fidalgo?

ANSELMO

Cada vez estou por isso mais impaciente.

MARTINHO

Ainda mais?! Oh meus peccados! olhe se pode conter-se um nadinha.

ANSELMO

Ou parte, ou volto para minha casa.

MARTINHO

Pois se não ha remedio irei agora pela banda do Anjo da guarda; elle me guarde das sanhas do pai., ja que o diabo não me livrou das lagrimas da filha; assim mesmo, antes agua, que fôgo. (*Vai a sahir pela direita, e recúa espavorido, dizendo* :) Ei-lo!...... Ei-lo!....

ANSELMO

Que dizes?

MARTINHO

Que enxergo meu amo alem daquelles corredores a vir para cá; eu já o conheço pela pinta. Agora peço a V. S.ª que não abra o seu lindo biquinho sobre o que entre nós se tem passado; isto lhe rogo pela alminha dos Snrs. seus defuntos, a mais desamparadinha; e Deos lá faça a escolha, que não lhe ha de custar pouco.

ANSELMO

As minhas queixas não passão de ameaças.

SCENA 9.ª

Os mesmos e DUARTE, que entrará pela direita.

DUARTE.

(*Correndo para Anselmo.*) Oh! como chegaste prestes! que extremo de amisade! dá-me um abraço. (*Abração-se.*)

ANSELMO

Tudo te é devido.

DUARTE

Então, Martinho, está aqui o nosso visinho estimabilissimo, o mais caro, o mais efficaz dos meus amigos, e não corres immediatamentē a dar-me parte da sua chegada?!

MARTINHO

Pois eu não ia ja a correr, a correr como gato? Se V. S.ª duvída, pergunte-o ao mesmo Illm.º Snr., que elle dirá o que deve á sua palavra honrada.

ANSELMO

(*Para Duarte.*) Chegado neste instante, eu lhe intimava o meu recado.

MARTINHO

(*A' parte.*) Muito bom é este banana; forte pedaço d'asno.

DUARTE

(*Para Martinho.*) Está bom; deixa-nos sós.

MARTINHO

(*A' parte*) Desta vou eu são e salvo, graças ao meu papa-açôrda. (*Sahe pela direita.*)

*

SCENA 10.ª

Os ditos menos MARTINHO.

DUARTE

Vem, meu querido, meu officioso Anselmo, consolar o coração do teu infeliz amigo, ja ensaiado para a morte nas tormentas, que o agitão!

ANSELMO

Esperava eu vir achar-te mais socegado, mas sinto o augmento das minhas mágoas, na continuação e affluencia das tuas!

DUARTE

Sim, amigo, os infortunios se me accumulão de hora a hora; tu vens achar a minha casa em mais transtorno do que a deixaste; mas confio que a tudo has de trazer-me remedio. Dize-me, fallaste ao grande Pombal? acolheu-te bem?

ANSELMO

Recebeu-me com a benevolencia inherente ao seu caracter, e quando lhe disse ia da tua parte, pelo semblante se lhe espraiou uma complacencia magestosa: incomparavel homem é aquelle.

DUARTE

O' lá se é! alli está a consolação dos seus amigos, e o arrimo da Patria: nunca ella lhe seja ingrata, e menos elles o abandonem, que esta é a mais dura de todas as ingratidões. Mas vamos, continûa; approva elle o justo motivo de eu não ir em pessoa solicitar o seu favor, ou antes a sua justiça?

ANSELMO

Na opinião do Marquez, um pai é a natural e me-

lhor atalaia de seus filhos ; cumpre-lhe não desampara-los, e mormente quando os supponha em risco.

DUARTE

Logo attendeu minhas queixas... bom , bom ; pai ultrajado , respira ; a tua vindicta está proxima ! O aviso, meu Anselmo , o aviso... Em que tropas d'Africa ha de alistar-se o infame? digo , qual o seu presidio ? o aviso...

ANSELMO

Perdidas minhas instancias , nada pude obter do profundo Ministro.

DUARTE

Nada pudeste obter ?! que dizes? ou tu estás equivocado , ou eu.

ANSELMO

Não te impacientes , que movido das suas razões , tambem eu venho d'outro accôrdo. "O nosso amigo —
„ disse Pombal — assizado anda em velar assustado pe-
„ la conducta desses seus filhos , que parece amarem-se
„ demasiado : para devermos accautelar o perigo , sufficien-
„ tes são apparencias , mas nunca de sôbra a madureza,
„ que haja em resolver o procedimento , em que Duar-
„ te tenta precipitar-se. Seus nobres appellidos , legitima-
„ mente seus , hão corrido limpos d'infamia , e sem que-
„ bra toda sua ascendencia , e logo em prole sua se
„ desmentirãõ , realçando-se elle aos seus antepassados?!
„ Quem sabe o que ahi haverá !... A' frente dos nego-
„ cios publicos acho casos tão extraordinarios , tão es-
„ tupendos... Em fim — accrescentou o Marquez — accre-
„ dite Duarte ardentes desejos meus de restituir-lhe a paz :
„ eu emprehendêra a este fim uma tentativa , talvez fe-
„ liz ,, mas poem-se-me diante minhas contínuas e ár-
„ duas occupações , nada mais ; o Marquez de Pombal
„ por amigos abalança-se a tudo , que injusto não seja :
„ El-Rei , porem , saberá instruir-se d'informações exa-
„ ctas , e procederá como fôr de justiça."

DUARTE

São essas as palavras do Marquez ?! São essas ?!

ANSELMO

Ao menos o sentido é o proprio, bem attento o escutei.

DUARTE

Pois escutaste a sentença de morte do teu desgraçado amigo; ouço-a por tua boca! Tu mesmo, sim, tu mesmo, nunca o esperei! tu vens ser o meu verdugo, vens dizer-me, que para acabar de roer-me as entranhas é forçoso conservar neste seio uma vibora, pois outra coisa não é o filho desordenado...... que digo? o execravel seductor de sua propria irmã!... Vens dizer-me: *para o teu ultraje não ha justiça, o teu ultraje deve ser sem limites......* isto é apunhalar-me! (*Faz uma brevissima pausa, em que mudamente exprime a sua afflicção, e rompe tomando um ar imperioso.*) Porem não, o Marquez de Pombal, tem o governo do Reino, eu o da minha familia; o déspota recusa tirar-me d'aggravo por um meio honesto; com tal mandatario ao lado do Throno não tenho a que recorrer; mas eu farei o que me toca ...... Quando um governo deixa impunes os delictos, mette a espada do castigo nas mãos dos offendidos.

ANSELMO

Duarte, Duarte, torna em ti da tua alucinação, peja-te dessas paredes que te ouvem! o cordato Ministro não te nega justiça, nega-te, sim, um procedimento inconsiderado. Podes estar ou não estar illudido; prudencia convem em ambos os casos; justa, ou injusta a tua vindicta, melhor é retarda-la que o arrependimento eterno d'um castigo mal applicado. Ah! talvez Pombal te poupe azedumes superiores, e bem superiores a esses que te arrancão blasfemias e fazem pagar mal a sua amisade! ainda ha pouco não lhe querias ingratos, e já és o primeiro delles!

DUARTE

O inimigo declarado da minha honra, não pode ser já o meu amigo, é o meu tyranno! Anselmo, é verdadeira a minha ignominia, é indubitavel; prouvéra a Deos o não fôra! Ah! sabe que Dorotheia repugna unir-se com Alexandre, a tal ponto, que formalmente me desobedece; e Guiomar, a mulher magnanima, ainda por

ella toma interesse, e o que é mais, por esse mesmo sacrilego! mas nem Guiomar, nem sua irmã, que sente com ella, nem tu, nem todo o poder do cego Ministro d'El-Rei, poderáõ desarmar o meu braço irado!

ANSELMO

Não posso deixar-te por muito tempo entregue á tua desesperação; vou mostrar-me á familia, qne ainda não desafogou seus transportes por minha vinda, e logo serei comtigo.

DUARTE

(*Enternecendo-se.*) Vai, homem ditoso, vai receber caricias de filhos; a mim despedação-me féras com esse nome!! (*Retirão-se pelo fundo.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

O Theatro representa um Jardim com um portico no fundo, e outro na direita alta do expectador, ficando na baixa o Palacio elevado, ao qual conduz uma escadaria, e á esquerda huma alamêda em todo o lado do Jardim.

SCENA 1.ª

Fernando, Alexandre e Silvestre. Os dous primeiros deveráõ mostrar aspecto melancolico.

SILVESTRE

Ora tenhão V. S.as muito boas tardes, meus queridos meninos.

ALEXANDRE

As mesmas te desejamos.

SILVESTRE

Muito agradecido aos bons desejos de V. S.as: as minhas ao presente não são másinhas de todo, Deos louvado, vamos andando; um homem depois de jantar não é nada, e ás vezes é muito, é um ferrabraz; são marés, prea-mar pelas ervas, vasar, e encher; eu por ora, em bem o digamos, não estou nem bem cá, nem bem lá; vou entre as dez e as onze.

ALEXANDRE

Bem pouco estou para as tuas chocarrices.

FERNANDO

E eu menos ainda.

SILVESTRE

Ui! que tem V. S.as, que assim estão secalhõeszinhos?! olhem que isso é matar-me, pois ambos V. S.as são o espelho em que este seu fiel criado se vê, e revê, como nas suas proprias tripas, que não são as de Judas.

SCENA 2.ª

Os mesmos e MARTINHO, *que descerá do Palacio.*

MARTINHO

(*Para Alexandre.*) O Snr. Fidalgo, que está lá em cima, sem ser no Ceo, e está com a Snr.ª D. Dorotheiazinha, com a Snr.ª D. Guiomar, com a Snr.ª D. Helena, com o bom homem do Snr. Anselmo; o Snr. Fidalgo, que está com tudo isto, ainda quer mais sucia, e é a de V. S.ª

ALEXANDRE

Já vês, Fernando, para o que sou chamado: teu pai ainda teima em despozar-me com tua irmã, mas descança; a minha repulsa será firme, posto cortar-me os fios d'alma o ir d'encontro á vontade do meu bemfeitor, posto ser-me tão cara a sua amavel filha.

FERNANDO

Pois ella te é cara, e não a queres por esposa?!!

ALEXANDRE

Admiras o que tambem admiro.

FERNANDO

Não zombes, Alexandre, do teu infeliz parente, que mófas a desgraçados bradão ao Ceo: contenta-te de eu nascer irmão de Dorotheia; não póde ser minha, seja

tua... seja tua... mas não apures mais o meu soffrimento: quem obtenha a sua posse, constitue-se o meu inimigo; tu vais alcança-la... basta: o meu féro inimigo não exacerbe a minha dôr.

ALEXANDRE

Desconheço o homem sensato, desconheço o irmão de Dorotheia, o que pensas?! o que sentes?!

FERNANDO

Sei o que penso, não sei o que sinto... deixa-me.

ALEXANDRE

Porem, Fernando, teu pai, que ha pouco te ameaçava com o desterro, manda agora concertar a toda a pressa a sua velha torre; eu lembro-te......

FERNANDO

Sim, lembras-me a fuga.

ALEXANDRE

Sincero a aconselho.

FERNANDO

Guarda a tua piedade sinistra.

MARTINHO

(*Para Alexandre.*) Então V. S.ª vai, ou não vai?

FERNANDO

(*Para Alexandre.*) Não faças esperar a Familia; convocão-te ao seu gremio para se me dar o ultimo golpe; sê feliz, em quanto eu vago nesta espessura, e aguardo constante o meu destino.

ALEXANDRE

O sucesso te desenganará. (*Fernando se entranha pela alaméda, e Alexandre sóbe ao Palacio*).

SCENA 3.ª

SILVESTRE E MARTINHO

SILVESTRE

Ora elles ahi vão desencabrestados cada um para a sua banda; deixá-los ir, que nós cá ficamos a compor-lhe a casaca.

MARTINHO

Na real verdade te digo que tenho dôr destes pobres môços, juro-t'o em sacris.

SILVESTRE

Isso tambem eu, juro-t'o em verbo sacerdotis. Não tenho animo de lhe botar na bochecha a mais leve cousa que os possa desgostar: mormente ao tal mórgadinho, que é homem da maleita.

MARTINHO

Anda avinagradito, anda; mas tenha paciencia, não seja tolo, deixe casar a irmã. Carne que eu não como que a leve o diabo, não é de rasão abocanhar-lh'a, que o diabo não é nenhum porco, ainda que lhe chamem o pôrco sujo.

SILVESTRE

E se a irmã não quizer cazar?

MARTINHO

Quer, quer, não sejas banana; qual é a mulher que não quer casar? isso ainda está para vêr, se não é com fulano, é com beltrano: dize-me tu que elles cuidão serem mesmo dos primeiros filhinhos d'Adão e Eva, mas deixa estar que o melro tomará juizo na gaiola.

SILVESTRE

E ella que é affouta..... Porem, amigo, que vai lá pelo sobrado? é obrigação nossa sabermos tudo.

MARTINHO

Que ha de ir? trapalhada do arco da velha. Segundo o que apanhei d'uma pequenita espreita, nosso Amo deitava os bofes pela boca fóra, com a manĩa das suas honras, a berrar contra os filhos, e a metter á cara da filha o bello arranjinho, que ella não quer nem á mão de Deos Padre: a Guiomar estava por morta, com o seu provedor dos defunctos, ou procurador bastante no papagaio da Helena, e o basbaque do Anselmo, esse applicava pennas queimadas aos focinhos da desmaiada, e fazia de virgem da paz a compor as partes; mas tanto compunha como descompunha.

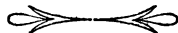
SILVESTRE

O que ahi vai, e o que irá agora com o contrapêzo do Alexandre! podemos palestrear á regalada de moura, que tão cedo não nos atarantão. (*Reparando para o portico do fundo.*) Oh! com S. Pedro, ahi vem o Juiz de Fóra!

MARTINHO

(*Reparando tambem.*) Não ha dúvida, é elle em pessoa, ou o diabo na sua figura.

SILVESTRE

E' uma cousa e outra, temos a justiça por casa, estamos bem aviados... tomára eu ver se elle vem de diligencia com a maldita regueifinha; mas como lha pescarei já, se ella anda nas trazeiras! Os maganos souberão escolher-lhe o sitio, se a trouxessem no lugar da fitinha vermelha, tudo lhe fugiria logo da frente, como de dianteira de cego.

SCENA 4.ª

Os mesmos e o JUIZ *de Fóra, que entrará pelo fundo.*

O JUIZ

Deos vos salve, amigos.

SILVESTRE

E guarde o nosso amigo o Sr. Dr. Juiz de Fóra. (*Fazendo uma cortesia rasgada.*)

MARTINHO

(*Fazendo outra mais rasgada cortesia*) Já se sabe que eu o acompanho no responso.

O JUIZ

Obrigado... (*Segue á parte.*) Difficil incumbencia me deu o Marquez, muito receio o desempenho! (*Fica em reflexão. Silvestre examina ao disfarce se o Juiz traz a vara no bolço da Casaca, e não lha vendo, diz á parte para Martinho*)

SILVESTRE

Alviçaras, que não lhe acho o tal rabinho enroscado!

MARTINHO

(*A' parte para Silvestre.*) Bello, bello, que desta vez não nos enrabichão na Cadêa.

O JUIZ

(*Contrafazendo-se*) Vosso Amo está em casa?

MARTINHO

Isso é o mesmo que perguntar, se Santo Antonio está na caixinha das Almas; em casa, e muito em casa.

O JUIZ

(*A' parte.*) Não é bom, póde surprehender-me á sondar-lhe os criados...

MARTINHO

Eu tremo de enganar alguem, e muito mais pessoa de qualidade; póde ser que elle tenha sahido lá por outra porta, mas duvido: a passara aonde tem os ovos

ahi tem os olhos; assim mesmo, póde-se ir saber: vai lá, Silvestre.

SILVESTRE

Vai tu, que eu sou da quinta.

MARTINHO

Da quinta é o cão; vai tu que eu ainda ha pouco de lá vim em serviço, e não sou nenhum andarilho.

SILVESTRE

Vai tu, que és de escada acima.

MARTINHO

Mas agora ando cá por baixo, como tu andas.

O JUIZ

Nem um, nem outro tenha esse trabalho: passando casualmente por estes sitios, dirigi-me a este deleitavel jardim a fim de recrear-me, e com o intento de ver o Sr. Duarte se por aqui estivesse; como porém o não vejo, não consinto se incommóde por meu respeito, pois me lembra estará occupado.

MARTINHO

Occupado está elle, e até preoccupado,... tem lá bico d'obra, que não é obra de feira...

O JUIZ

Mas não será cousa que o mortifique...

SILVESTRE

Está feito, já outros se terão visto em talas mais leves.

O JUIZ

Sim!... e qual é o motivo da sua angustia?

MARTINHO

Deixe-o V. S.ª fallar, não é nada; é um casamentito de familia que lhe faz dar a agoa pela barba.

O Juiz

Casamento! Oh! bravo! então é do Mórgado, ou da Menina?

Martinho

Trata-se da arrumação da femea, para o que, fica o macho arrumado, e mesmo... fica viuvo, ora acabou; a gente não ha de morrer empachada.

Silvestre

Não tenhas má lingua, que mettes no inferno essa alma de cantaro, e não te fica outra para te regalares na Gloria.

O Juiz

(*Para Silvestre*) Já agora deixa-o explicar-se, que estou confuso com aquelle dito de viuvo.

Martinho

Como posso eu explicar-me, se o maldito me embaçou logo com a metralha infernal!

O Juiz

(*Para Silvestre*) Então falla tu, já que lhe cortaste a palavra.

Silvestre

Eu, Sr. Dr. Juiz de Fóra, quereria ser aliviado disso, mas se V. S.ª manda, sempre andarei de modo que não grave a minha consciencia, pois não tenho alma dobrada como parece cuidão ter alguns, que eu por ahi vejo. (*olhando neste ponto para Martinho*) E' o caso: esse maldizente ia a soltar a bacorada... Olhe V. S.ª que era elle, e não eu, nem Deos me tire contas de peccados alheios. Ia a soltar a bacorada do Sr. Mórgado ficar viuvo por se lhe tirar a irmã para o Sr. Alexandre, o que vem a ser morrer a Menina para o dito Sr. Mórgado, e resuscitar para o outro machacaz feliz. Percebe V. S.ª?

O Juiz

Logo, anda elle d'amores com ella?

SILVESTRE

E ella com elle... Oh! boca de pragas, que disseste! abrenuncio! não, Sr., não é o que V. S.ª cuida; elles andão... sim, elles andão... não se esgadanhão, não se esgadanhão... tão mal me quizesse a mulher, de quem sou marido á falta de homens. (*Voltando-se para Martinho*) Isto é que é saber fallar com temor de Deos, e caridade com o proximo.

MARTINHO

Estou edificado.

O JUIZ

Na verdade, taes amantes são abominaveis!! sinto-me gelado de horror!

SILVESTRE

Pois olhe V. S.ª, eu nem por isso me arripío de mais, será de mim, devemos amar o nosso proximo, e que mais proximos os queremos nós?

O JUIZ

Porem admira-me que o Sr. Duarte queira dar sua filha a esse moço, que tem, sim, boas qualidades, mas nada de seu.

SILVESTRE

E ainda em cima lhe dá bom resulho para levar a carga, que mulher sem dote é como salada sem môlho, não se póde tragar.

O JUIZ

Este Fidalgo pode dotar sua filha com mão larga, pois me consta tem muitos bens livres.

SILVESTRE

Isso muitos, o peor é ter a mesma filha cativa.

O JUIZ

Extraviada dessa maneira, ella ha de aborrecer de morte o marido, que se lhe propõe.

SILVESTRE

Nada, não Senhor....

MARTINHO

(*Para Silvestre*) Tape o bico, agora fallo eu que ando lá pelos altos. (*Para o Juiz*) Sr. Dr. Juiz de Fóra, a Snr.ª D. Dorotheiazinha morre-se por o Sr. Alexandre, e obra com discernimento, o rapaz é uma perola.

O JUIZ

Porem elle ha de detesta-la pelo seu mau procedimento.

MARTINHO

Qual historia! não só não a detesta, mas trá-la nas palminhas, e na sua opinião está a Menina como a menina do olho; em fim ambos querem-se como á vida, e cousa de se amarrarem com a sagrada estola, isso nem que os matem! isto não o entendo eu, nem o Sr. Juiz de Fóra o entende.

O JUIZ

Não me fallas de caso novo; pessoas ha, que reciprocamente se adorão sem quererem casar-se; com tudo... mas vamos adiante, o Sr. Duarte deve estremecer aquelle, que tanto deseja para genro.

MARTINHO

Ama-o como filho: mas isso não me espanta, que nesta casa andão os amores trocados; a Sr.ª D. Guiomar pella-se por o Sr. Morgado, a Sr.ª D. Helena não tanto, mas ainda assim podia-lhe servir bem de tia: não era este o sobrinho que a tinha mais seca, ellas ambas não lambem demasiado o Sr. Alexandre, e longe de se alegrarem com a fortuna que lhes vem por a porta, a mãi parece uma Sancta Maria Magdalena; e a tiazinha traz-me seus laivos de *precita*.

O JUIZ

(*A' parte.*) Vou attingindo aos fins do Marquez de Pombal nesta ordem sua; singular é o seu tino!

MARTINHO

Vês, Silvestre? olha como eu faço banzar o Sr. Dr. Juiz de Fóra! até falla só!

SILVESTRE

Gaba-te cesta.

O JUIZ

(*Para Martinho*) Sim, estou maravilhado de sentimentos tão extravagantes! mas dize-me, como tratava teu amo seu filho antes de declarada a sua péssima conducta?

MARTINHO

(*A' parte para Silvestre.*) Ainda quer saber mais! para que será isto?

O JUIZ

Segundo o caracter deste Fidalgo, não o julgo destituido do amor paternal.

MARTINHO

Ao contrario, nunca lhe foi muito affeiçoado; só por a filha se desvela, mas ahi ha uma razão natural, que é de o ter dado a crear para fóra.

O JUIZ

Como é isso?

MARTINHO

(*Apontando para Silvestre.*) Agora ande V. S.ª com este, que está mais enfarinhado no caso. (*Segue á parte*) Já me enfastião tantas perguntas.

SILVESTRE

(*Para Martinho*) Sim, Senhor, sim, Senhor, e mais não o hei de fazer mal. (*Volta-se para o Juiz*) Sr. Dr. Juiz de Fóra, minha sogra, que era, como todas as sogras, mulherzinha de todos os diabos, Deos lhe falle n'alma, estava cá nesse tempo a servir a casa, e por isso contou-me tudo tintim por tintim. Assim pois, saberá V. S.ª, que a Sr.ª D. Dorotheiazinha foi o primeiro fructo

do Santo matrimonio do Sr. Fidalgo com a Sr.ª Fidalga, a qual Deos levou d'ahi a um anno; e foi d'um mau successo, em que ella ajudada da Comadre botou a este mundo esse tal morgadete. Ora, o Sr. Fidalgo, que ainda é dos do bom tempo, chorou quanta agoa tinha em si, e ainda hoje não se lhe pode bolir na ferida. A sua pena o fez cahir molesto de cama, achando-se ainda a Sr.ª defuncta viva, de sorte, que esteve por um és não és a morrer por causa do mesmo parto, quero dizer, pelo muito que se amofinou com o dito mau successo; é mister que nos entendamos. Naquelles assados o marido da Sr.ª D. Guiomar foi-se ter com o dorido á cama, e depois do devido conforto, lhe propoz a conveniencia de lhe levar o pecurruxo para sua casa, a fim de lá se crear, por isso que sua mulher acabava de aliviar-se deste menino, que não quer a noiva, e dá com o nariz á palha. O Sr. Fidalgo não enjeitou o bem-fazer...

O Juiz

Entre parenthesis; conto no lugar apenas um anno; mas, segundo tenho ouvido, esse sugeito, de quem o Snr. Duarte acceitou o serviço, que me referes, era seu primo co-irmão.

Silvestre

Ou pai do Snr. Alexandre, que é a mesma cousa, e tambem dizem que grande amigo do primo, valha a verdade, que eu não sei lá o que elle era.

O Juiz

(*Franzindo as sobrancelhas.*) Está bom... continúa.

Silvestre

Eu não estava á cabeceira do enfermo; porem creio firmemente, que elle ergueo as mãos para o Ceo por se descarregar do lindo filhinho; pois ficar um homem sem mulher, a aturar o *cué cué* de creança nascida, com as mais miudezas, que nós todos sabemos, não tem graça nenhuma; alem de que, meu Amo tinha a fortuna de dar seu filho a peitos conhecidos, e a Snr.ª D. Guiomar tinha o necessario para alimentar os dous machacazes,

a pesar de a terem estafado tres gemeos seus, a quem o sarampo e as bexigas botárão para os anjinhos. Olhe V. S.ª, que a mulher era de boa tempera; grande parte dellas para a carga do Matrimonio são uns camellos, para crear filhos umas felozinhas! mas tornemos á vacca fria: o bemfeitor da caridade não consentio que ninguem o ajudasse na sua obra meritoria; elle mesmo levou á noite o creanço debaixo do capote, com mais o encarrego de o fazer lá baptizar com o seu, o que tambem para meu Amo foi um laudemio de Mitra; isto de correr com baptizados, armar padrinhos, e toda essa festa, faz soar o topete.

O Juiz

Não sejas prolixo, vamos ao principal: foi longa a doença do Snr. Duarte?

Silvestre

Esteve de perninha bastantes mezes.

O Juiz

Então devião com frequencia vir mostrar-lhe o menino.

Martinho

(*A' parte.*) Que tem elle com aquillo! irrevus, que ja me passa de curioso!

O Juiz

Só assim não aconteceria se esta Snr.ª D. Guiomar assistisse longe.

Silvestre

Não, Senhor, morava no lugar do Picoto, naquella casa branca á direita para lá e á esquerda para cá, porem os dous pequenos trouxerão da sagrada pia uma defluxeira, ou o quer que foi... o certo é que estiverão embocetados uma boa temporada: (*O Juiz fará gestos d'indignação até o fim da falla*) a mesma minha sogra, e outras criadas forão lá com o cheiro nas creanças, mas a Snr.ª D. Helena, que era a infermeira, não lhes deixou pôr a vista; em fim de contas, quando o Snr. Fidalgo viu verdadeiramente, e beijocou o seu menino, já este podia mordisca-lo mui bem.

O Juiz

(*A' parte.*) Agora vejo, com quanta penetração o Ministro quer informar-se desses tão feios, e por ventura innocentes amores! e então aqui o parentesco o phisionomista confunde, para prevalecer o engano!

Silvestre

Vês, Martinho? cá a pessoa é que faz scismar o Snr. Dr. Juiz de Fora!

Martinho

(*Com ironia*) Oh! tu és grande laberco!

O Juiz

Meus amigos, são horas d'eu ir volvendo até á Villa.

Martinho

Meu Amo não pode tardar; se V. S.ª se dilatasse um instantinho, não se perderia a sua honrosa visita.

O Juiz

(*Para os dous.*) Tenho-a aproveitado bem; agora devo partir; mas porque vosso Amo não tome por incivilidade a minha attenção ao seu commodo, tende a prudencia de callar a minha estada aqui. (*Dando a ambos algum dinheiro*) Recebei o premio anticipado; se vos desmandardes, o castigo será mais tardio, mas contai com elle.

Silvestre

Por amor de mim, que muito obrigadinho lhe fico, pode V. S.ª ir descançado: (*Apontando para Martinho*) o peor é este lingoroteiro.

Martinho

Fóra, bebedo, com licença do Snr. Dr. Juiz de Fora a quem beijo as mãos, lingoroteiro é vossê!

O Juiz

Ora pois cautela, e ficai em paz.

(*Silvestre e Martinho fazem uma cortezia ao Juiz, e dizem*)

SILVESTRE E MARTINHO

Deos vá com V. S.ª (*O Juiz se retira pelo fundo.*)

SCENA 5.ª

MARTINHO E SILVESTRE

MARTINHO

Então vossê, Snr. Feitorzinho das duzias, cuidava que eu iria logo chocalhar ao Amo esta visita, e a competente conversa! pois saiba que já servi certo Magistrado, a quem só por dinheiro deixava vêr aos pertendentes; elle era o meu urso. Muita gente havia a roer-lhe na pelle, por sua encerradura, de que eu só tinha a culpa; e cá o rapaz ajudava á missa sem nunca lhe metter nada no bico, porque esta bocca é sagrada. Verdade é, que pedindo-se-me segredo não sou dos mais seguros das agoas, mas o Juiz tem boa pimenta para os chocalheiros; pelo sim-sim, pelo não-não, nunca nos atenhâmos ao abrigo do Fidalgo.

SILVESTRE

Certo estava eu da tua probidade; desculpa-me se disse o contrario, que foi com a alegria do bolço quente.

MARTINHO

Acceito a satisfação; eu tambem fiquei bailando com a esportula. Porem não me dirás a que veio cá este inquiridor?

SILVESTRE

Eu sei.... oh! esqueceu-nos informa-lo da cadêa cá de casa.

MARTINHO

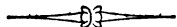
Sim, para elle ter cócegas de nos mostrar a sua.

SILVESTRE

(*Olhando para o Palacio.*) Sinto rumor lá por cima...

vou-me safando para a quinta, antes que venha por ahi o Amo com alguma das suas rajadas.

MARTINHO

Louvo a tua prudencia; eu tambem me escamo para a torre a matar tempo com os obreiros. (*Retirão-se, Silvestre pela alamêda, e Martinho pelo portico lateral.*)

SCENA 6.ª

DUARTE E ANSELMO, que descerãõ do Palacio.

DUARTE

Em fim, está descortinado o segredo fatal: rude será o entendimento, que não leia, que não penetre no espirito da Mãi, e do filho: elles se anojão de contrahir laços com uma infeliz, que, arrastada ao Altar como ao cadafalso, os ultraje com o seu pranto!

ANSELMO

(*Á parte*) Como elle pensa! e como eu penso!....

DUARTE

Todo o meu ouro não basta a envolve-los na minha affronta; não exprimem o seu sentir, mas a meus olhos bem o patenteião, e é bem rasoavel; amarga confissão é esta! Desventurado homem, para quem o ouro da mulher, que recebe, contrapéza a sua má fama, e ella mais desventurada!

ANSELMO

Duarte, eu observo e calo muito... só te recordarei palavras do Marquez, contrariando o teu pedido, não lhe negues attenção, pondera-as: *quem sabe o que ahi haverá...*! disse elle.

DUARTE

(*Com enfado.*) E que pode haver, senão pura verdade nos meus juisos?!

ANSELMO

(*Á parte.*) Está de rasão insusceptivel!

DUARTE

Não ha de o prepotente paliar com as suas averiguações ridiculas, até consumar o meu opprobrio! na minha torre encerrarei o perverso, e se falhar uma tentativa minha, farei o mais que me cumprir.

ANSELMO

Pois, provocando a Justiça, darás tractos ao pobre Fernando alem da reclusão?!

DUARTE

(*Com energia.*) Elle é reo, eu Juiz, juiz inexoravel, inexoravel, entendes? nem tu venhas importunarme com as tuas súpplicas: quem resiste ás lagrimas da incomparavel Guiomar, a tudo resiste!

ANSELMO

A conducta dos vivos, só tem de apparecer qual é no reino dos mortos.

DUARTE

A que me vens com tal sentença quando te fallo de Guiomar?! tu deliras, ou cuidaste ouvir outro nome.

ANSELMO

Sim, eu era abstracto.

DUARTE

Pois, Anselmo, ella mereceu o Esposo que teve, é um portento de virtude!

ANSELMO

(*Á parte.*) Não ha raio de luz, que o fira!!

SCENA 7.ª

Os mesmos, e MARTINHO, *que virá pelo portico lateral.*

MARTINHO

Snr. Fidalgo, os Mestres acabárão de tapar as buraqueiras da torre; e pedem a V. S.ª tenha a bondade de ir vêr se a casa fica a seu gosto, pois quem lá houver de assistir ha-de-se accommodar com o que lhe derem.

DUARTE

Concluirão tudo?

MARTINHO

Sim, senhor, concluirão; e puzerão ramo aonde tem trabalhado um cem conto d'aranhas, desde as dos Senhores seus defuntos, até ás actuaes de V. S.ª Burrachões! aposto que se fossem mestres de fôrca, havião de enramalhetar a sua linda obra!!

DUARTE

Affasta-te, e espera as minhas ordens. (*Martinho se desvia a um lado da Scena.*)

ANSELMO

Muito se falla já do teu procedimento estrepitoso; cura de o sanar, ainda será tempo: dize, que por teu espirito conservador, concertar mandaste aquella torre, e faze retirar Fernando sob qualquer pretexto para uma das tuas remotas quintas, aonde não conste o motivo dos teus cuidados, e embora ahi seja recluso, mas só recluso.

DUARTE

A fama da má conducta do libertino é publica, público deve ser o meu completo desaggravo: o que me custa, é ficar elle proximo a sua irmã; mas eu não posso separar-me de minha filha, e o réo quero debaixo das minhas vistas.

ANSELMO

Em tal caso, posto que a tua influencia nestes contornos suffoque o fanatismo, não te faltará um inimigo, capaz de accusar Fernando ao Sancto Officio; denúncia essa de muita consequencia! (*Em voz mais baixa.*) O Marquez mesmo (não nos ouça o criado) positivamente me encommendou te fizesse andar cauto neste negocio: disse-me que tremesses da Inquisição, a Inquisição, que o Ministro talvez abomina, e não aniquilla, porque não pode fazer tudo. Cada seculo tem o seu homem, e esse homem a sua missão; a do Marquez está vista: não cabe ainda ao Sancto Officio a queda dos Jesuitas, ou o cerceamento em poderes das outras corporações de mão morta.

DUARTE

Certo isso pesará ao tyranno! Despostas não soffrem iguaes.

ANSELMO

Podes desaffogar a teu gosto: reflecte, porem, qual seria a tua situação, quando visses a tua Dorotheia, a tua idolatrada filha, arrebatada de teus braços ao supplicio terrivel!!!

DUARTE

De que te lembras!!! não venhas com fantasmas sensibilisar-me, que para arrancar-me lagrimas, taes fantasmas bastão! Dorotheia, é verdade, vive cativada do seductor, mas elle não tem concluido o intento execrando. O meu procedimento só exporá seu irmão á Justiça Inquisitorial; o que verificado, sem eu passar mais por a vergonha de delator, acharei quem me vingue.

ANSELMO

Se é prudente maxima antes errar com muitos, que acertar com poucos, de que modo irás bem, quando não vês um unico amigo na tua desvairada senda!!

DUARTE

Comigo só devo contar, bem o sei, e comigo conto. Martinho, dirás ao Snr. Alexandre que me procu-

re na torre. (*Segue á parte*) Confiar devo á sua vigilancia o rival, que é de crêr elle abomine em segredo.

MARTINHO

Naturalmente o Snr. Alexandre andará á caça do coelho.

DUARTE

Deixei-o na sala dos retratos com as Senhoras.

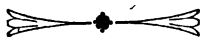
MARTINHO

Então não me é mister correr montes e valles, que elle pega de estaca a mirar os retratos. (*Sobe ao Palacio, e Duarte se retira pelo portico lateral, dizendo para Anselmo*)

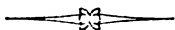
DUARTE

Ficas?

ANSELMO

Fico para empregar melhor os meus passos.

SCENA 8.ª

ANSELMO *só.*

Por certo elle foi trahido, trocárão seu filho, praza a Deos que eu me engane! mas Guiomar enleada, deixa ver uma alma combatida de remorsos; Helena a de uma *precíta.* Que me convem fazer!...... communicarei a Duarte os meus juizos!... porei de má fé pessoas do seu especial conceito! ... de má fé seu Primo, que foi provavelmente sabedor do artificio, e cujas cinzas elle venera, como as do mais leal amigo! !.... Não, isto não me é possivel: mas que expediente buscarei para desmanchar essa trama!...Oh! ventura! já me occorre: Ceos, ajudai-me. (*Retira-se precipitado pelo fundo, a scena fica vaga um brevissimo espaço, de modo que se não promova a impaciencia publica.*)

SCENA 9.ª

Guiomar e Helena, que descerão do Palacio.

GUIOMAR

Em vão procuras distrahir-me; o meu mal identificou-se com a minha sombra! transportada ao jardim, comigo trago o horror da casa, e comigo iria ao lugar mais delicioso, ao mais bello espectaculo! divertimentos não acalmão a consciencia agitada; ella não deixa vêr senão o seu lucto, nem ouvir senão os seus brados!

HELENA

Os enfermos d'espirito similhantes são aos do corpo: uns e outros sentem repugnancia a medicamentos, que lhe restituem a saude.

GUIOMAR

Eu refuzo veneno, não o meu antídoto; o meu antídoto seria aquelle que tu me defendes, uma confissão franca, não vejo outro. Vai-se verificando o que este sol me prognosticava; ahi está a fortuna de meu filho, ei-la, ahi! a usurpada herança converte-se-lhe em execração, vergonha e carcere! Cingem dous innocentes as véstes do crime, roendo-os como abutre, amor candido como pomba! Fernando para desarmar a vindicta humana, ha de ralar um coração puro, ha de força-lo ao que é impossivel! Dorotheia para justificar-se no tribunal terreno, ha de desafiar o celeste, se não contra si, contra nós, detestaveis hypocritas! verdade é que essa infeliz pugna com seu irmão em pró da virtude, sem ambos o saberem, mas se elles resvalão, se a obediencia filial prevalece!!...

HELENA

Acaba d'uma vez com os teus panicos terrores; Alexandre e sua irmã serão inabalaveis no seu proposito, assás o mostrão. Duarte não irá por diante nos seus rigores, pois sabemos que o Marquez de Pombal se ha ne-

gado ás suas barbaras pertenções ; daqui vai pouco a patrocinar-nos o Ministro ; o despiedado largará a sua victima.

GUIOMAR

Duarte não é mais do que nós o fazemos ser ; tem delle compaixão , e treme do Marquez ; renuncía a esperanças aerias.

HELENA

De ninguem tremo , nem a sorte de Fernando é qual se te figura. Só me dá cuidado esse seu amor tormentoso , que funestou nossa obra tão lisongeira : já eu o tive em nada , mas enganei-me ; cumpre-nos mudar de resolução, e pois a mão de Dorotheia assegura a teu filho bastantes cabedaes , uma de nós , a que por ultimo fallecer , deve em testamento cerrado deixar a declaração do seu nascimento , com a prova do facto.

GUIOMAR

E guardaremos para a morte um descargo d'alma tão necessario ja ? ! seremos como aquelles , que reservão o abrir mão do roubo para quando se lhe fechem os olhos ? ! !

HELENA

Nem tanto eu quizera ; o timbre do nosso credito até nas cinzas me é precioso , padeça embora meu Sobrinho em quanto vivermos , que tambem nós vamos ser enfamadas na sepultura ; entre o seu e o nosso sacrificio ha uma perfeita equivalencia : teu filho mesmo, em posse algum dia de Dorotheia , que jamais será d'outrem , affogando em prazeres quanta amargura lhe tenhámos causado, não nos condemnará.

GUIOMAR

A sua bondade é inquestionavel ; porém, minha irmã, ser-nos-ha facil sustentar tal enredo ?

HELENA

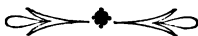
E porque não ? a nossa reputação é em vigor ; mas se alguem houvesse tão temerarió , que ouzasse lançar-

nos vistas sinistras, só o temor nos seria perigoso, e eu só a ti receio; a minha presença é de bronze, e de bronze a minha obstinação! não é intelligencia humana a que ha de lêr nos caracteres da minha alma; não são as torturas, os tormentos não imaginados os que hão de arrancar o meu segredo!

GUIOMAR

Muito confias em ti, (*olhando para o portico lateral*) e eu só de ouvir aquelles passos, porque podião ser os do meu Juiz, já estou convulsa!

HELENA

Então retiremo-nos. (*Sobem ao Palacio.*)

SCENA 10.ª

Martinho só, que virá pelo portico lateral com uma grande chave na mão.

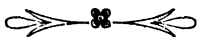
MARTINHO

Ora eis-me aqui a fallar só como tôlo, e o caso não é para menos! De boa te havias de lembrar, excommungado Fidalgo! tu cuidas certamente que eu não sou de carne e osso; que hei de notificar-te o marmanjo do filho para se recolher á chena; que hei de entregar-lhe esta chave, e tamanha, para me elle esmigalhar os queixos com tal bisarma! espera pelo cebo; eu te mostrarei a serventia das pernas. Mas estou tão bem accommodado no meu lugar de escudeiro... Valha-me S. Macario! se me fosse possivel angariar aquelle Silvestre... se o parvo cahisse na esparrela de me guardar as costas... em fim, botemos o barro á parede. (*Chega-se para a alameda, e brada para dentro.*) Silvestre, ó Silvestre... (*Abaixando a voz.*) O maldito deve de estar nas profundas do inferno! (*Continúa em som alto e mavioso.*) Silvestrinho, menino...

Silvestre (*dentro*)

O' lé.

Martinho

Anda cá, meu coraçãozinho perdido; meu serafimzinho do Ceo; não te dilates, que estou morrendo por te vêr, estou mesmo com a alma nos dentes!

SCENA II.ª

O mesmo, e SILVESTRE que sahirá d'alameda.

SILVESTRE

Que diabo de caramunha estás fazendo! que me queres?

Martinho

Olha, filho, queria-te dizer que sempre fui muito teu amiguinho, muito, muitissimo.... andava engasgado com este novello sem a minha vergonha me deixar piar; mas agora chegou-me a maré do vomito, has de mamar com a metralha toda, tem paciencia, que de velha está choca! Não se te pode negar, nem ha cousa mais certa, que tens uma cabeça bicuda; quero dizer, um entendimento aguçado; tu bem me percebes, não é preciso assubiarem-te para beberes; és uma águia, mas assim mesmo ainda não tens cachola para comprehenderes os meus affectos; olha, o meu regalo era que andassemos encaixadinhos um no outro, assim a modo de jogo de copos; bem entendido, tu da banda de fóra, e eu nesse teu peitinho de rola, como Jonas no bruto da balêa guardado das tormentas.

Silvestre

(*Rindo-se*) Tu perdeste o juizo, ou vens-me com alguma espiga?! Isto que é?

Martinho

E' um pedaço d'asno a babar-se por ti: o Senhor

te livre da occasião de experimentares a minha amisade, mas então verias a casta dos meus excessos, pois os amigos querem-se para as occasiões; nas tuas tu bem sabes a quem has de fallar, agora dize-me se eu tambem nas minhas posso contar comtigo.

SILVESTRE

Quando isso fôr, fallaremos.

MARTINHO

Não se trata aqui de futuros, o caso é de presente; declara-te de pressa.... de pressa, que estou já com ellas na mão!

SILVESTRE

Na mão te vejo eu, mas é uma chave, e que tal o alarve! vais vender isso aos ferros velhos?

MARTINHO

Isto não se vende, dá-se; a tal chave é da torre, e faz-se-me necessaria a tua ajuda d'amigo, para lhe restituirmos o seu antigo uso; manda quem pode.

SILVESTRE

Basta, não ponhas mais na carta; tens ordem do Amo d'ir mostrar ao Mórgadinho a porta em que ella serve, e talvez de o afferrolhares lá dentro, ao qual fim me pertendes para teu valentão.

MARTINHO

Ora adivinhaste; essa tua cabecinha tem miòllos, que nem a d'um boi; é a terra da fartura! adivinhaste, é isso mesmo; só te ficou no tinteiro, que depois do melro estar á sombra, devo entregar a chave ao Alexandrinho por mando de seu futuro sogro; mas para aquelle acto não te peço eu soccorro, peço-t'o para este, que é o da misericordia.

SILVESTRE

Pois, amorzinho, deves saber que este meu lombo

ainda não teve a mais pequenina beliscadura, e eu não o poria em risco, nem para livrar meu pai da forca.

MARTINHO

Visto isso, tyranno, não sei como obedecerei ao indiabrado do Fidalgo; o mais certo é perder eu a casa, e a tua amavel companhia, que é o que mais me atassalha!... (*Continua em tom lacrimoso*) Deixa-te estar, ingratatão, que em te faltando os consolos do teu Martinho, chorarás lagrimas de sangue, e sangue de carrapato! para conservares são o burro do corpo, queres ficar ferido na tua alminha para todos os dias da tua vida! olhem agora, se não era melhor ficar antes com um repertorio em cada osso, do que passar por similhante escamel! quanto mais que esse Fernando não é nenhum mata-gentes, e dous a um bem sabido é o que fazem...

SILVESTRE

(*Olhando para a alameda*) O peor é estar elle comnosco.

MARTINHO

(*Olhando para a mesma parte e tremendo.*) Não te enganas, e já o bixo não me parece tão feio... ó Silvestrinho, eu estou resoluto...

SILVESTRE

Lá se vê, nem um vime te ganha.

MARTINHO

Isto é constipação do defluxo; — aquella verga é boa de torcer.

SILVESTRE

Vai-a torcendo de teu vagar, que eu vou-me destorcendo. (*Quer retirar-se, e Martinho que não deixará a chave, o agarra pela gola do colete, soltando-o só quando adiante se dirá*)

MARTINHO

(*Com arrogancia*) Ter, ter, não vamos a desfazer a feira.

SILVESTRE

Pois faze de conta que estou morto.

SCENA 12.ª

Os mesmos, e FERNANDO, que sahirá da alameda.

FERNANDO

(*Á parte, reparando em Silvestre.*) Muito má deve ser a opinião popular a meu respeito; eu a sondarei neste nescio, que assim queria escapar-se como horrorisado. (*Segue fallando para Martinho*) Porque fugia esse vilão?

MARTINHO

Digne-se V. S.ª pergunta-lo a elle mesmo, pois eu só lhe sei dizer, que apenas o bebedo lombrigou o meu rico Fidalguinho, a quem Deos guarde e todas as suas cousas, ia a botar por ahi além, como se lhe apparecesse alma do outro mundo: custou-me a segurar o bruto, por uma unha negra não quebrou o cabresto.

FERNANDO

Porque fugias, Silvestre? ser-te-ha odiosa a presença d'um homem de bem?!

MARTINHO

(*A' parte para Silvestre.*) Anda cão, que has de romper a symphonia dos Aqui d'El-Reis.

SILVESTRE

(*A' parte para Martinho*) Ah! bregeiro, que em boa fôfa me metteste!

FERNANDO

Porque fugias? não ouves?

MARTINHO

Tá, tá, menino *tá, tá*; falla, diabo mudo.

FERNANDO

Não me respondes?

MARTINHO

Este é o mais rebelde de todos os demonios; quer estola de Sancto Antonio dos Carvalhos. Espirito immundo, eu te requeiro; falla por essa boca de porco, que o nosso Morgadinho tem mais aonde ir.

SILVESTRE

Pois eu fugia?

MARTINHO

Ora graças ás cabaças que desamuou o cabrão; nada, tu não fugias; ias só como um gamo.

SILVESTRE

Então foi sem me sentir.

FERNANDO

Eu o creio; mas quem póde causar-te uma alienação tão notavel?

MARTINHO

(*A' parte para Silvestre.*) E' bem feito, ladrão, é bem feito; por ti hão de começar os touros.

SILVESTRE

(*A' parte para Martinho.*) Cégo sejas tu antes de tal veres.

FERNANDO

Então que me dizes?

SILVESTRE

Não me póde vir ao miolo a razão por que fugia; deixem-me passear a ver se me lembra.

MARTINHO

Isso é o que você queria para dar ás trancas; vo-

*

mite para ahi primeiro tudo o que se quer saber, e depois fallaremos.

SILVESTRE

(*Forcejando por soltar-se.*) Larga-me, partazana do inferno!

MARTINHO

Não te cances que estás nas unhas de um homem.

SILVESTRE

Pois, Snr. Fidalguinho, já que este velhaco me faz fallar, saberá V. S.ª....

MARTINHO

(*A' parte para Silvestre.*) Dize, cachorro, dize, que me has de servir de parapeito.

FERNANDO

Não acabas?

SILVESTRE

Tornou-me a esquecer... esta minha cabecinha anda a juros; mas que ha de ser, se este excommungado não me deixa tomar ar! Se V. S.ª soubesse d'onde é àquella chave, para que, e de quem elle a recebeu!!... (*Martinho puxa-lhe fortemente pela gola do colete, e Silvestre continúa.*) Ai! ai! que me esgana!

FERNANDO

Não o affogues.

MARTINHO

Eu affoga-lo! Ave Maria me lembre! aquillo é ataque de bixas; V. S.ª não vê como elle está amarellento?

FERNANDO

Mas d'onde é essa chave?

MARTINHO

(*Em desconcerto*) D'uma porta... de.... logo me lembrará,... porem a chave é de ferro.

SILVESTRE

Morra Samsão e quantos aqui estão! a chave é da torre, onde o Snr. seu paizinho, com uma injustiça, como nunca se viu, manda por este esbirro da má morte encarcerar o mais innocente de todos os innocentes, nados e vindouros! Agora solte-me V. S.ª, e casquemos nelle.

MARTINHO

Nelle, Snr. Fidalguinho, nelle, que elle é o que teve a petulancia de lhe escarrar na face resplandecente um tamanho desafôro! e eu não acceitei a diligencia.

FERNANDO

Pois cumpria-te acceita-la: as ordens de teu amo devem ser-te sagradas, assim como para mim o são. Já vejo que a ambos vos assustava a minha presença, por me attribuirdes uma rebeldia alheia do meu caracter; por isso quero me acompanheis ambos a esse carcere, para testimunhardes o como sei resignar-me a tratamentos, que não mereço, e informardes meu Pai da minha docilidade. Vamos.

MARTINHO

(*Para Silvestre deixando este em liberdade.*) Vês, borreco! tudo se desfez em fumo; cá um homem sabe mexer os pauszinhos.

SILVESTRE

Bom pauzinho me ias tu armando! mas lá está Deos; *Ta Deu Laudamus*! (*Retirão-se pelo portico lateral.*)

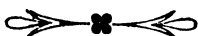
FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

O Theatro representa uma torre de prisão, que mostra ter sido construida nos primeiros seculos da Monarchia, havendo nas paredes varios remendos como concertados de pouco: no fundo terá a entrada, á direita dos Expectadores uma porta, que se suppõe ser do quarto do preso, e á esquerda uma porta falsa.

SCENA I.ª

FERNANDO *só*

NÃo me enganei... erão da minha Dorotheia, e da inconsolavel Guiomar, os mal distinctos alaridos, que ouvi ao passar em frente do balcão das flores: caminhava eu talvez ao meu tumulo, a este carcere, e ainda assim cerrarão-lhe cruelmente as janellas, para não alegrar meus olhos nesse rápido transito, nem sombras daquelles caros vultos! Muito sabem tyrannos no seu officio!! Porem uma, breve terá Senhor; cedo enxugará suas lagrimas a mão proterva, que me faz amargas as minhas! a outra, ai! de mim! a outra deixará d'existir. ... mas subito abrem o portão com a affouteza d'authoridade; quem virá! será elle, o bem escolhido para meu flagello!!

SCENA 2.ª

FERNANDO, e *DUARTE*, *que entrará pelo fundo.*

FERNANDO

(*Como surprehendido.*) Sois vós, Senhor?!

DUARTE

Bem fundado é o teu assombro com a minha vinda á tua prizão, aonde sobresahe a todos o horror, que me causas! violento passo é este, mas necessario; ouve-me: tua irmã, teima em resistir cegamente ás minhas justas disposições; já não vejo maneira de a reduzir: tu, és a toda a evidencia o motivo, e o apoio daquella obstinação! não te vanglories; o que mais deslustra o nosso sexo, é o alarde que muitos fazem de perder uma fraca mulher, alarde opprobrioso, e em que circunstancias o teu!!!... Expurga-te delle, e fique no seu lugar a vergonha indelevel da tua conducta escandalosissima. Aqui venho para te dispores a restituir à tua irmã os seus tranquillos dias, para tu mesmo lhe dissipares as illusões, que de ti mesmo lhe provierão! reforma esse coração depravado, ouça ella da tua boca a declaração da tua maldade banida, sejas tu quem lhe patenteie as tenções abominaveis, que levavas em requesta-la, quem assim a resolva a tomar estado, o só capaz de a justificar, e cuja aversão visivelmente lhe ensinúas! Tu foste o que a perverteste, ninguem, como tu, a força terá de converte-la: o criminoso arrependido é para o seu cumplice o melhor missionario. Desenganada Dorotheia por o seu mesmo seductor, ser-me-ha logo submissa; e obedecido eu, a ti não te virá mal.

FERNANDO

Que me propondes, Senhor! Ah! todo o bem que se me offereça debaixo dessa clausula, equivale a desesperação de alcança-lo! Mentira qualquer me é impratica-

vel, mas a de eu me dizer perverso, similhante mentira, repugnante é á natureza humana! vaidade, ou interesse outro, movem a impôr virtude; a fingir crime, não sei o que mova. Se porem, abalançando-me a cousa tão fóra do possivel, quizesse persuadir Dorotheia de haver sido qual me julgaes, eu não sahiria com o meu intento, animo não teria de exprobrar falsas torpezas á que nos dá idéa dos Anjos! pois fôra isso indirectamente dizer-lhe " Teu irmão diligenciou prostituir-te, e tu, „ sagaz, affectavas não dares por as suas traças, para sem „ tacha deixares colher-te nas suas redes: tu és mais „ infame do que elle!" Eis o engano que me prescreveis á vossa innocente filha, o meu primeiro engano, e logo de tal natureza!! mas não serei eu quem do supposto crime vá lançar-se no verdadeiro, e crime de espedaçar aquella alma candida, já não pouco dilacerada, sendo digna de melhor tratamento!... perdoai-me, vós mal conheceis vossa filha.

DUARTE

(*Em commoção.*) Eu sei que filha tive; não venha o destruidor de seus meritos, profanar o resto com aquelles mesmos louvores, de que se ha servido para degrada-la de seus inestimaveis principios! Credulas mulheres, os vossos ouvidos são os principaes motores da vossa perda; resistís muitas vezes ao prestigio do primeiro sentido, ao do segundo poucas. Eu sei que filha tive; Deos e Pai erão o seu timbre, sem o que, ninguem se diga filho: a sua religiosa docilidade aos meus dictames, as suas idéas de virtude, por que regulava todos os seus passos, tão profundas, tão solidas, tão sublimes erão, que tu, discolo, tu não pudeste anniquilar tudo! e inhibido de consumar o teu artificio execrando, firmas-te no ponto onde te fiz parar, e donde farei que retrocedas: um carcere não basta para entrares em ti, e reconheceres essa alma negra! resignas-te á tua situação miseravel por a falsa gloria, mais miseravel ainda, de conservares a presa d'uma linda incauta! mas os meus rigores não se limitão a um carcere: em ti não vejo de filho senão a qualidade, que faz inaudito o teu crime; vê o que deves esperar, se me contrarias!!... Ora

pois, a Dorotheia dei ordem de achar-se comnosco nestes lugares; mediante algum espaço da nossa entrevista: tu vais vê-la, e em companhia daquelle, a quem a destino, aquelle, em cujas mãos estás por determinação minha. Ambos devem ouvir a confissão do teu attentado: ella, para buscar sua guarida natural nos braços d'um esposo, espavorida, horrorisada das tuas tramas; elle, para concluir d'ahi que a desapercebida joven se perdia sem o saber, pela desculpavel inexperiencia da sua idade.

FERNANDO

" Os vossos rigores não se limitão a um carcere" vós o dissestes, e eu o vejo, vejo cruezas estranhas, inopinadas e sem medida!!

DUARTE

Hão de enroscar-se, bem o sei, nesse espirito das trevas todas as serpentes d'um affecto infernal, como a sua origem! fará verter fel e pêz nesse coração de ferro o abrires mão da tua victima! Satanaz, por mandado do Ceo, cedendo ao convertido Gil, o assignado que este da alma lhe fizera; Satanaz, naquella renuncia espantosa, qual no-lo pintão antigas legendas, seria apenas um teu ligeiro symbolo!! (*Olhando para a porta do fundo.*) Mas eis ahi Dorotheia, attenta no que fazes.

FERNANDO

A minha resolução está tomada.

SCENA 3.ª

Os mesmos, ALEXANDRE E DOROTHEIA, que entrarão pelo fundo, ficando junto ao bastidor; duvidosa DOROTHEIA de adiantar-se, olhará em volta de si com ar d'afflicção, e DUARTE dará signaes d'impaciencia pelo seu enleio.

DOROTHEIA

Alexandre, a que me trazes aqui?! quaes os designios de meu Pai?!

ALEXANDRE

Já te disse, querida minha, ignoro os seus fins; mas sejão quaes forem, aproximemo-nos, que mal soffrido o vejo da tua perplexidade.

DOROTHEIA

Sim, aproximemo nos: que irei eu ouvir!!! (*Alexandre e Dorotheia chegão junto de Duarte.*)

DUARTE

(*Para Dorotheia.*) Lentidão e tremor dominão teus passos, qualquer ordem minha é já para ti d'um pezo incomportavel!

DOROTHEIA

O vosso chamamento a esta melancolica estancia, se me antolha accesso de maiores desgraças; não obstante, aqui me tendes; obedeço-vos com repugnancia, mas obedeço-vos.

DUARTE

(*Voltando-se para Fernando.*) Perverso, eis o estado, a que reduziste tua irmã! repara na tua obra!... isto fazem dissolutos d'um sexo superficial e inconsiderado! e não tremem, e pisão a terra com despejo, mui senhores de si, como se para os tragar ella não tivera abysmos!! Foi esta a mais docil de todas as filhas, e por tantos titulos amavel; quem a reconhecerá!!!... Tomar se deixou da lethargia, que magicamente lhe insinuaste; sonhos tremendos a desfigurão! á tua voz acorde.

FERNANDO

Não me arranqueis do meu silencio, que vos será isso desfavoravel; tirai-me antes da vista estes dous objectos de impressões tão oppostas: estou em extremos de dôr e de raiva!

DUARTE

Obstinado, resolve-te ao que deves; concluamos isto.

FERNANDO

Pois bem, concluamos; mas a minha lingoa não se-

rá jámais authomato de pessoa alguma, será o orgão de meu coração.

DOROTHEIA

(*A' parte para Alexandre.*) Pavoroso enigma vai desinvolver-se!

ALEXANDRE

(*Pará a mesma.*) Não ha crise mais ameaçadora!

FERNANDO

(*Que terá ficado como agitado de affectos fortes, prerompe.*) Dorotheia, tu és arrastada a presenciar o meu martyrio, para eu sobre a tua angustia doestarte ainda com feias asserções do que não fui nunca! Para tambem exasperar-se o meu mal, vem comtigo individuo odioso, gloriar-se da minha desgraça no auge da sua felicidade!...

ALEXANDRE

(*Á parte.*) Erro fatal!...

FERNANDO

Isto não é tudo, insultado o meu e o teu caracter, querem que eu me diga teu seductor......

DOROTHEIA

Meu seductor?!!!

FERNANDO

A esse ponto querião prostituir minha lingoa!...

DUARTE

(*Encolerisado*) Basta, atrevido; suspensa já a torrente das tuas provocações, já!

FERNANDO

(*Sem a nada attender.*) Dorotheia, deverei eu dizerme o que não sou?! desacreditar-me?! desacreditar a incorruptivel por excellencia? !!!

DOROTHEIA

(*Arrebatadamente.*) Não, nem para derribares o ca-

dafalso... mas ai! como penso!... penso bem, nem para derribares o cadafalso, não.

DUARTE

Mulher imbaída, a ti te justifica, se podes; allega os ardís do enganoso; não o defendas, que te perdes.

DOROTHEIA

(*Ainda com arrebatamento.*) Deixai-me rebater horrorosos aleives: Senhor, o crime, o só crime nosso é olharmos como sepultura o berço, que ambos tivemos, este obstaculo invencivel á nossa felicidade! Bem peza uma tal culpa, d'outra não nos carreguem, esta peza de sóbra! qualquer outra é falsa, falsissima.... digo pouco...

DUARTE

Filha indómita, pervertida, e achas que pouco me injurías?!

DOROTHEIA

(*Moderando-se.*) Pois que disse eu? Ah! Senhor, se offendi o vosso decóro, ensinai-me como sem feri-lo hei de acudir pela minha reputação deprimida, pela do meu imaginario cumplice; ensinai-me, eu vo-lo peço; ou tirai-me o caracter que me haveis dado!

ALEXANDRE

(*Para Duarte.*) A alma pura de Dorotheia em toda ella resplandece; pintor que seus gestos debuxasse, teria copiado a innocencia.

FERNANDO

(*A' parte.*) O agradavel som daquella verdade, em tal boca fere-me de morte!!

DUARTE

(*Para Alexandre.*) Não tomes uma defeza errónea, nem com isso se perca tempo. Cousas tenho a communicar-te, que os indignos não devem ouvir; vem cá: (*Para Dorotheia, e Fernando*) e vós desviai-vos.

(*Duarte e Alexandre se collocão á boca do Theatro; Fernando e Dorotheia no fundo.*)

FERNANDO

(*A' parte para Dorotheia.*) Temos novas instrucções para eu ser atormentado, que bem executadas serão!

DOROTHEIA

(*Para o mesmo.*) Engánas-te... mas silencio; nosso Pai nos observa. (*Duarte e Alexandre praticarão em um tom mais baixo, sem que deixem de o fazer intelligivelmente.*)

DUARTE

Tens rasão, meu filho, deixa-me assim chamar-te; a pobre Dorotheia, como a ti se me representa; se aquella fraze, aquelles ademanes não são os da candura, não sei quaes sejão; ella se ennuncía d'um modo, que me chora o coração de a reprehender!

ALEXANDRE

Então porque tão féro atormentaes vossa filha?!

DUARTE

Assim fallas, porque não és pai, ou não sabes como se deve sê-lo. Eu vejo minha filha não dar por os laços do fementido; amá-lo perdidamente, sem ver o que assim ama; reconheço a sua difficuldade em vencer-se, mas deixarei por isso de applicar lhe o balsamo do rigor paterno?! Melhor é ser orfão, que ter um pai brando, ou rígido fóra de tempo. Acho-me pois no amargurado dever d'uma austeridade, um desabrimento sem limites; hei de cumpri-lo, ainda que a alma se me parta, posto conheço estar intacta minha filha. A tempo sopiei o monstro; sim, ella está intacta, mas, filho, quem o accreditará?! quem quererá a sua alliança?! e então qual a minha e a sua sorte?! A mulher não pretendida por lhe fallecerem dotes da fortuna, ou da naturesa, pode ser feliz; não é só no consorcio que a felicidade se encontra; mas aquella que se engeita por o seu descredito, é a mais desgraçada de todas as creaturas, e a sua deshonra faz a vergonha de toda a sua familia! E' esta a

posição, em que Dorotheia está, e seu miserrimo Pai; posição cruel, de que tu, se quizesses, podias tirar-nos. Meu filho, não te cancem as minhas instancias, obriguem-te sim, acceita a mão de Dorotheia: vamos ja, em face do réo execravel, annunciar-lhe este castigo, o mais grave, o mais conducente a vingar nossa affronta. Tu, que sabes a falsidade da má fama de minha filha, tem dó della, tem compaixão de mim; não duvides valer-nos!

ALEXANDRE

Cessai de desafiar minhas lagrimas, pedindo-me cousa, que peço a mim proprio, e que em mim proprio um poder occulto me nega inexoravel! por os meus dias enumėro os vossos beneficios, com os meus dias elles avultão, e movem-me pouco, deixai-me assim expressar, em vista do amor que a Dorotheia consagro; mas este amor não é como o dos outros homens, pois lhe é inherente, em vez do desejo da posse, a repugnancia a possuir; eu não o comprehendo, nem me entendo a mim mesmo!!

DUARTE

Illudes-me, Alexandre, e eu não levo a mal a tua dissimulação: tu não me havias dizer, que repulsas minha filha, para não ficares infamado no publico.

ALEXANDRE

(*Com energia.*) Sancto Deos!! que é o que pronunciais!!! não é isso, Senhor......

DUARTE

E' isto, é isto, não recees confessa-lo; eu faço-te justiça, pois se zelar devo minha honra, tu és da mesma sorte obrigado a cuidar da tua. A honra é o unico bem, que não pode sacrificar-se á amisade.

ALEXANDRE

Em nome do Ceo eu vos conjuro a dissipardes errados juisos, só proprios a injuriar-me!

DUARTE

Pois asseguras-me que elles são errados? não engei-

tas com effeito a mão de minha filha por o principio que imagino?

ALEXANDRE

Não, Senhor, eu vo-lo assevero pela minha palavra, pela minha palavra, tomai bem sentido.

DUARTE

Não digas mais, já te creio; tu vais na trilha d'um amigo meu, com rasão desvellado por sua prima, como o és pela tua, e a quem igualmente recusa desposar, oppondo-se a interesses, e a instancias de ambas as familias. Na vossa repulsa, não vejo motivo senão os laços do sangue que vos ligão aos objectos das vossas inclinações: o parentesco, para que se concede dispensa, assim obra em alguma gente; e um parentesco indissoluvel, cuja violação fizera o transtorno social, não refreia o meu depravado filho! mas o libertino ha de paga-lo, e tu has de ceder ás minhas rasões; estou satisfeitissimo. (*Olhando para a porta do fundo.*) Oh! a que virá o criado!

SCENA 4.ª

Os mesmos e MARTINHO que virá pelo fundo.

MARTINHO

(*A' parte ao entrar na scena.*) Boa! o que por cá vai! temos viveiro; mas o peor é o melro pela prôa! (*Falla para Fernando.*) Eu trago um recadito alli para o Senhor seu Paizinho: dê-me V. S.ª licença de passar, que depois podemos palrar um nadinha; tudo, já se sabe, para consolação e remedio de V. S.ª, e tambem proveito meu, se poder ser.

FERNANDO

Vai aonde ias.

DOROTHEIA

E não nos tornes com as tuas sandices: o triste só com avisados se dá.

MARTINHO

(*Encaminhando-se a Duarte*) Então muito obrigado. (*Segue á parte*) A rapariga está doutora ; com mais um migalho de cadêa , temo-la jubilada.

DUARTE

(*Para Martinho.*) Que dissestе ao prezo ?

MARTINHO

Cousa nenhuma ; cá entre nós não ha contractos.

DUARTE

Cousa nenhuma ! pois não vi eu que fallavas com elle !

MARTINHO

Ai ! é verdade ! agora me lembra , olhem o meu juiso ! fallava , sim Senhor , fallava ; mas aquillo era farelorio , e daqui em diante bico tapado.

DUARTE

Ora pois , entendamo-nos , destas paredes a dentro poucas communicações.

MARTINHO

Então saiamos la para o terreiro , que as temos de qui-te-liquê ! ......

DUARTE

Mentecapto , só ao réo te é prohibida mensagem alguma : que tens a participar-me ?

MARTINHO

Uma noticiazinha que remedeia , vamos andando , está lá o Snr. Dr. Juiz de Fora ; não prasenteiro e risonho , como nos seus passeios recreativos a tirar nabos do pucáro..... mas..... sim , não vem prasenteiro. (*Segue á parte.*) Lingoa de trapos que me ias botando a perder! (*Alto.*) O homem traz o seu olho de porco , carranca de desmamar creanças , e o lindinho da Justiça no botão da casaca , muito á pamparona.

DUARTE

O Juiz de Fóra, em acto de jurisdicção! o Juiz de Fóra !!

MARTINHO

Agora é de dentro, pois já o temos em casa por nossos peccados.

DUARTE

A diligencia do Juiz não me é desconhecida; admiro, porem, a sua pouca attenção á minha pessoa; mas eu sei donde lhe vem a ousadía... (*Dirige-se ao meio do Theatro, Alexandre e Martinho o seguem, Fernando e Dorotheia tomão a dita posição.*)

DUARTE

(*Para Fernando.*) Se por ventura não te disserão, que está alli o Juiz de Fóra, para subtrahir-te aos meus justos castigos, como é presumivel, da minha boca o sabe; sabe ainda mais; eu temo, não disse bem, eu suspeito andarem aqui manobras do Marquez de Pombal; elle é em favor teu, dou-te esta noticia, alardeia quanto quizeres; mas sabe tambem, que nem El-Rei, El-Rei em pessoa, arrancará das minhas mãos, senão o teu cadaver!

FERNANDO

Cadaver quizera eu ser já...

DOROTHEIA

(*Á parte*) Deos de bondade, amparai-nos.

DUARTE

(*Para Alexandre*) Meu filho, não te desalentem os novos successos; rigidez, e mais rigidez, cada vez mais.

ALEXANDRE

Contai com o meu serviço. (*Segue á parte.*) Devo dissimular a minha compaixão por o desgraçado. (*Fernando faz um gesto d'indignação.*)

DUARTE

Tu, Martinho, ficarás nesta torre até segunda ordem.

MARTINHO

(*Fazendo grandes prantos.*) Que é o que V. S.ª diz!!... eu na cadea!!...... Oh! desgraçadinho de mim! isso nunca se viu, nem nas historias sagradas, nem nas historias por sagrar, de traz para diante, de diante para traz! eu na cadea! e então até segunda ordem! a primeira vem com pés de galgo, a segunda é banco de ferrador.

DUARTE

Tu não ficas em qualidade de preso, mas sim de guarda. As occorrencias actuaes fazem-me acautelado, para não se me arrebatar o malévolo: caso algum audacioso venha subrepticiamente forçar esta prisão, da fresta da escada o denunciem teus brados.

MARTINHO

Sim, eu hei de bradar bem com o lobo á barba... para isso seria bom algum selvagem; por exemplo, aquelle Silvestre......

DUARTE

Nada mais ouço. Alexandre, tu reconduz Dorotheia, em quanto eu passo a desembaraçar-me do atrevido Juiz. (*Duarte se retira para a porta do fundo, após elle Dorotheia e Alexandre, e estes um pouco vagarosos de modo que possão fallar sem Duarte os ouvir.*)

DOROTHEIA

(*Para Fernando.*) O Ceo te dê resignação com o teu martyrio.

FERNANDO

(*Ironicamente.*) E a ti felicidade com o meu Carcereiro.

ALEXANDRE

(*Para Fernando.*) Breve saberás o que tens em mim.

FERNANDO

Já o sei. (*Acabão de retirar-se pelo fundo.*)

SCENA 5.ª

FERNANDO E MARTINHO.

MARTINHO

(*Corre á porta do fundo, e diz para dentro*) Senhor Fidalgo, Senhor Fidalgo, então eu sempre cá fico? e foi-se, e lá desandárão os ferrolhos, estou cahido na ratoeira! agora não ha remedio senão fazer das tripas coração. (*Volta para Fernando, e continûa.*) Ora, Senhor Morgadinho, aqui me tem V. S.ª seu companheiro de prisão, ainda que indigno; companheiro, sim, e não guarda, pois tomára eu quem me guardasse a mim. Havemos de fazer uma vidinha santa nesta nossa união forçada; prompto eu para quanto fôr da vontade de V. S.ª; para varrer-lhe a nossa casinha, e tratar da mais limpeza; assoalhar-lhe a roupa das humidades, se houver por aqui aonde; ir-lhe tirando o bolor ás botas, que hão de servir quando Deos quizer, e fazer-lhe com muito amor a caminha, que é lugar quente, e por isso muito bom para chorarmos as nossas miserias... em fim, tudo, tudo; é V. S.ª pedir por bocca.

FERNANDO

Saber como vive a Snr.ª D. Guiomar, é só quanto de ti pertendo; qual a sua situação? presta-me o maior serviço que podes, consola um desgraçado.

MARTINHO

E eu que para consolar os tristes tenho um geitinho particular! esta obra de misericordia nasceo-me nas mãos. Ai! coitadinha da Snr.ª D. Guiomar! aquella pombinha, com a vinda do diabo do Juiz, vai-se desta para melhor vida! e deixemo-la ir, que nós cá lhe rezaremos

por alma ; a gente deve-se conformar com a vontade do Senhor.

FERNANDO

A minha desgraça para dobrar-me o seu pezo , abrange quanto me é caro !

MARTINHO

Certamente a pobre Senhora não cuida, como o Senhor Fidalgo , que o Juiz venha ser bom a V. S.ª, que senão, dançava ahi as tripecinhas ; ou então , não crê nos mimos da Justiça ; e não vai fóra dos eixos ; tiraráõ a V. S.ª d'umas talas, para o metterem n'outras peores : justiça não a queirámos pela porta , nem por nós , nem contra nós.

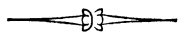
FERNANDO

A Senhora D. Guiomar tem muita penetração ; ella conhece a barbaridade daquelle , de quem a minha má ventura me fez ser filho , e prevê essa infanda resolução que ha pouco lhe ouviste pronunciar ; cousa para elle tão facil , quanto para mim appetecido um tal assassinato !

MARTINHO

Chiton , ouço lá mexer nos cadeados... será elle o Senhor Alexandre , que me venha tirar deste inferno ! quero dizer , da amavel companhia de V. S.ª !

FERNANDO

Alexandre !... não quero vê-lo. (*Retira-se pela direita.*)

SCENA 6.ª

(*MARTINHO E ALEXANDRE , que virá pelo fundo.*)

MARTINHO

(*Com transporte.*) Viva !... viva !... então sempre é certo o meu alvará de soltura ?

ALEXANDRE

Que dizes ?

MARTINHO

Não digo nenhuma asneira , pergunto se V. S.ª me vem pôr ao sol , ou ao luar, que eu já não sei o que ha lá pelo mundo.

ALEXANDRE

Não.

MARTINHO

(*Tristemente.*) Mau.

ALEXANDRE

Aonde está o infeliz prisioneiro ?

MARTINHO

A casa não é nenhum labyrintho, o dono é bom d'achar ; elle apenas pescou visita, temendo ser a de V. S.ª, enfiou alli para o seu quarto ; (*Apontando para a direita.*) mas se quer, eu vou rebolindo chama-lo , e sem medo nenhum ; já temos confiança de camaradas.

ALEXANDRE

Não é necessario ; a sua illusão lhe faz molesta a minha presença ; eu posso, sem mortifica-lo, fazer-lhe sentir os effeitos da minha amisade. (*Continûa , tomando um ar brusco.*) Martinho , olha bem para mim.

MARTINHO

(*Arregalando os olhos para Alexandre.*) Estou olhando... se bem que , para o vêr melhor, não sería desacerto irmos lá para fóra, pois aqui já ha falta de luz.

ALEXANDRE

Olha bem para mim.

MARTINHO

Já olhei , Senhor... (*Segue á parte*) Que mudança ! este não é o Alexandre , é o diabo por elle !

ALEXANDRE

Conheces-me bem?

MARTINHO

Como as minhas mãos. (*Segue á parte*) O maldito quer ensaiar-se comigo para o seu novo officio de carcereiro.

FERNANDO

Não, tu não me conheces: o meu modo de tratar sempre com affabilidade, o meu genio sempre soffredor, te faz parecer que eu serei de pedra a quantas desattenções, e vilanías comigo pratiquem, mas enganas-te: acautela-te daquelle que mais soffre, a sua paciencia tem um termo, e tanto mais terrivel, quanto mais alongado; então o aspecto pacifico desse homem desapparece, e só deixa ver-se o seu interior, todo íra.

MARTINHO

Isso é verdade do Ceo; eu tambem cá pelo meu avêsso não sou muito bonito, porem V. S.ª apenas terá de mim algumas queixasitas de pouca monta.

ALEXANDRE

Assim é; mas o meu bom humor com essas pequenas offensas, e a tua posição presente podem tentar-te a provocares-me de um modo tragico: sim, Martinho, o preso vai ser visitado por quem tu deves vêr, como se nada viras; do contrario, Alexandre não será Alexandre! percebes-me?

MARTINHO

Percebo, percebo; os olhos hão de vêr, e a lingoa não ha de dar nos dentes, se eu não a quizer arrancada pelo cachaço.

ALEXANDRE

Ou peor te acontecerá, se te desmandares.

MARTINHO

Mas, Senhor, não sería melhor sair eu destes escuros carceres, para livrar-me da occasião, que faz o ladrão?

ALEXANDRE

Não, tu deves demorar-te na torre, para te prestares a quanto de ti se exija nesta entrevista: imponho-te mais este encargo. Determina-te, o tempo insta; posso contar com o teu serviço, e com o teu segredo?

MARTINHO

Pois elle que remedio ha, se eu tambem quero contar com o meu pêlo.

ALEXANDRE

Bom, estou satisfeito; agora vai postar-te junto da grade: alli esperarás alguem, e depois suas ordens, não admittindo todavia pessoa alguma, sem me dares signal.

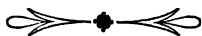
MARTINHO

Mas lembre-se V. S.ª de que o Senhor Fidalgo me poz aqui por sentinella, e......

ALEXANDRE

Vai, não te succederá mal algum.

MARTINHO

(*Retirando-se lentamente por o fundo.*) Ora vamos lá; o que póde o temor d'uma sóva! muito amor temos a estas nossas carnes podres! (*Retira-se*)

SCENA 7.ª

ALEXANDRE *só.*

Parece que já tardão, haveria transtorno! o estado de minha Mãi........

MARTINHO (*dentro.*)

Estão cá as Senhoras a querer-se metter á cadêa, ellas tem bons gostos : é esta a visita ?

ALEXANDRE

(*Respondendo para dentro.*) Exactamente essa, não a demore a menor dúvida, uma palavra, um volver d'olhos.... mas eu vou mesmo...... (*Corre á porta do fundo, e alli se suspende, porque vem apparecendo Helena, e logo Guiomar.*)

SCENA 8.ª

ALEXANDRE, e as ditas.

GUIOMAR

Sou em fim no lugar, onde elle padece; e tenho pés que pizem este pavimento !!

ALEXANDRE

A vossa tardança, Senhoras, principiava a inquietar-me...

HELENA

E mormente a respeito da tua angustiada Mãi, não é assim ? o bom filho não conhece outra senda.

GUIOMAR

Alexandre vai na verêda do homem de bem, quanto eu o invejo !

ALEXANDRE

Minha Mãi faz-se digna do meu cuidado, mas agora o risco do meu amigo, absorve a minha attenção. Que sabeis dizer-me de Duarte ?

GUIOMAR

Ainda com o Juiz está encerrado, e échos medonhos, de quando em quando, annuncião a sua íra.

ALEXANDRE

Logo, o objecto dessa conferencia é qual o suppunha-mos. Senhoras, e em especial vós, minha Mãi, que tendes em Fernando toda a preponderancia, persuadi-o á fuga, e para longe. Martinho, que está ahi sobre aviso á vossa disposição, póde acompanha-lo; o perigo é evidente; antes de presentar-se ao Ministro, furtivamente Duarte occúltou armas em si, para que é isto !!

HELENA

Talvez te enganasses, meu querido Sobrinho.

GUIOMAR

Certo não se enganou; elle deve acreditar os seus olhos, como eu os meus crueis pressagios !...

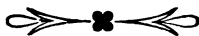
ALEXANDRE

Evite-se uma catastrophe, embora o nosso bemfeitor generoso me accuse de traidor e d'ingrato; livre da sua alucinação, elle me fará um dia justiça: finalmente, reuní ambas os vossos esforços; Deos os abençôe.

GUIOMAR

Deos!... e que fiz eu da sua clemencia !... Ah ! não esperes senão desastres !

ALEXANDRE

Confiemos nelle, e cada um de nós faça o que lhe cumpre. Quanto a mim, vou pôr-me em observação, para que Duarte não vos surprehenda. (*Retira-se pelo fundo.*)

SCENA 9.ª

As mesmas; menos ALEXANDRE.

HELENA

Minha irmã, anima-te; teu filho cederá aos teus rogos, e o Marquez de Pombal visivelmente nos patrocina, bem o augurei eu.

GUIOMAR

Os meus horridos presentimentos, em todo o sentido continuão!

HELENA

Não me arrependo de consentir nesta entrevista, o só pensamento d'evitá-la far-me-hia tremer; trata-se de salvar sangue nosso; com tudo, se não cobras fortaleza d'espirito, se d'aqui havemos sahir perdidas, retiremonos antes; o acaso talvez fará o que não possas.

GUIOMAR

Confio pouco em mim, e menos nesse acaso, quando não mereço a guarda da Providencia; a esta deveria ter deixado a subsistencia de meu filho, mas eu a comprei a preço da minha virtude, de que só me restão apparencias! todavia, forçar-me-hei em ostentar bom nome; que sacrificio a um nome vão!!!

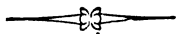
HELENA

E deves fazer esse sacrificio; as apparencias da virtude são inestimaveis, por ellas nos avalía o mundo, não me canço de o repetir.

GUIOMAR

(*Transportada, e um pouco mais forte.*) A milhares de mundos anteponho Fernando, sim, Fernando...

FERNANDO

(*Ao bastidor.*) Quem tão docemente me nomeia na habitação d'amargura !! parece Guiomar... não me illudo, eu a vejo !

SCENA 10.ª

As mesmas, e FERNANDO, que sahirá da direita, correndo aos braços de GUIOMAR.

FERNANDO

Não ha infeliz para quem não hajão alguns gratos momentos; os meus são estes !! (*Abração-se.*)

GUIOMAR

Filho... querido filho... abraça-me !

FERNANDO

Pois merece-vos tão bello titulo o homem, que a opinião figura carregado de crimes !!!

GUIOMAR

A opinião erra mais do que acerta; esses crimes... oh ! mysterio infausto !!

HELENA

(*Á parte para Guiomar.*) Cohibe-te do teu devaneo. (*Abertamente para Fernando.*) E porque não ha de Guiomar appellidar-te filho? tambem eu assim te nomeio, e do intimo d'alma.

FERNANDO

E eu o acredito, porque tambem vós vindes consolar-me na minha triste prizão; mas, Senhoras, como vos permittirão a entrada, quando me prohibem todo o genero de lenitivo ?

HELENA

Tu o saberás, meu filho; agora curemos do mais

importante : o Juiz de Fóra, dirige-se a teu pai com o fim, mais que provavel, de te livrar dos seus furores ; incapazes ambos de ceder, o Juiz quererá tirar te daqui por força, e teu pai implacavel te assassinará ; em tal apuro, escuta a imperiosa lei da conservação propria ; à sahida da torre te é franca, e tudo mais está prevenido.

FERNANDO

Vós me propondes, e facilitaes o fugir, sem me injuriardes com esta palavra : agradeço vossos pios officios, e a vossa delicadeza ; mas agora attendei-me : quando meu pai ordenou a minha prizão, enviou-me a chave della por um simples criado, e tanto bastou, para eu voar a estes ferros não merecidos : estou certo que todas as prevenções do meu árbitro, todas as seguranças feitas a esta torre, são para vedar-me soccorro externo, e não acautelar minha fuga : nisto é elle justo comigo, assim o fôra no demais... e então eu, atraiçoando a sua confiança, postergando os meus principios, havia de fugir !!...

GUIOMAR

Sim, has de, isso é vontade minha, são rogos meus, meus... repara bem ; mas ai ! misera ! tu não entras no valor destes rogos !

FERNANDO

A tudo elles me obrigão, ha só esta excepção : quero cahir a golpes de meu Pai, golpes de meu Pai, que me vingão da sua injustiça, porem nunca dobrar-me a similhante villeza !

GUIOMAR

Levantares-me do rêz da campa, é o que chamas villeza ; e sê-lo-ha talvez ; tão indigna serei eu de existir ! não te vingarás de Duarte, mas de quem te devas vingar !...

HELENA

Torna em ti, minha irmã, tu perdeste os sentidos, pois nenhum tem as tuas palavras. (*Para Fernando.*) Eis effeitos da tua pertinacia, já ella delira !

FERNANDO

Aquelle dizer não sei se mais toca, se mais confunde!

GUIOMAR

Assás eu me explico, peço-te a vida, peço-te abandones estes lugares de funebre agouro; sinto-me rodeada de morte!...

FERNANDO

Porem, Senhora, eu não devo...

GUIOMAR

O teu dever é annuir á minha supplica; vem comigo, meu filho; (*Pega no braço de Fernando e o vai condusindo doce, e lentamente para a porta do fundo; Helena os segue, e Guiomar continúa.*) Vem, presta-te á minha direcção!... não resistas a esta mão debil!... tem piedade da minha fraqueza!

FERNANDO

Essa mão é para mim d'uma força extraordinaria! não sei resistir-lhe! mas que fazeis!!

GUIOMAR

Salvo-me, salvo-te...

FERNANDO

Isso é perder-me, e deixo levar-me ao sacrificio!!

GUIOMAR

Cada passo teu, me allivia d'uma nuvem esta alma opprimida. (*Chegão á porta do fundo, e Fernando pára subito, como assombrado.*)

FERNANDO

Aquelle que falla com Martinho é o meu verdugo, perdoai-me, elle é vosso filho...

GUIOMAR

O teu verdugo! que proferiste! aquelle é o mais efficaz dos teus amigos; mas ai, a tristeza do seu semblante tudo nos annuncia adverso!! foge......

HELENA

Sim, elle foi quem nos proporcionou esta feliz entrevista; deseja, e protege a tua evasão.

FERNANDO

Dou em fim na cilada; o ardiloso fazia-vos instrumentos do meu desdouro; a tempo descobri o laço, que se nos urdia a todos; deixai-me...

GUIOMAR

E quando do pélago me tens quasi arrancada, abres mão de mim!!!

FERNANDO

(*Desembaraçando-se de Guiomar, e encaminhando-se para a porta da direita.*) Deixai-me...

GUIOMAR

(*Seguindo Fernando.*) Cruel! repélle-me embora, que eu não te abandono; já não vejo senão o teu perigo!

HELENA

E o que se nos vem dizer?...

GUIOMAR

Tremo d'ouvir o que espero! mas tu fica.

HELENA

Eu não quizera desamparar-te. (*Fernando, e apoz elle Guiomar se retirão pela direita.*)

SCENA 11.ª

Helena, e Alexandre, que virá pelo fundo; Helena se collocará n'uma posição, em que possa observar o que se passa no quarto do prezo, para onde olhará com frequencia, e na maior inquietação possivel.

ALEXANDRE

Já não affronto o meu alucinado amigo; entrar posso. Que illusão a sua a meu respeito!

HELENA

Como vão nossas cousas? sê breve.

ALEXANDRE

O Juiz de Fóra paleia com boas maneiras, á espera, sem dúvida, d'uma forte Escolta, que, segundo me avisão, vem em demanda desta quinta. Quanto a mim, elle se lhe antecipou, marcando-lhe a marcha á proporção do seu plano, por vêr se effectuava a sua diligencia, sem o alarme de auxílio militar, que a final aguarda como necessario...... mas pareceis-me um pouco distrahida!...

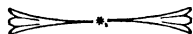
HELENA

Não, não... acaba.

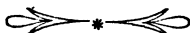
ALEXANDRE

Espias minhas pesquisão esses soldados: um tiro na Coutada dar-me-ha o signal da sua approximação; desde logo irei observar o que se passa, e vendo que o Juiz aqui se encaminha, farei repetir aquelle signal para serdes disso avisadas. Vêde ainda no entretanto se resolveis a escapar-se o triste Fernando; e a nem o moverem as novas occorrencias, não o abandoneis: minha Mãi póde muito em Duarte para quebrantar sua furia.

HELENA

Aquella tua Mãi... estou assás instruída; vou ter com ella. (*Retira-se precipitadamente pela direita.*)

SCENA 12.ª

ALEXANDRE *só*

O Ceo faça prosperar a vossa piedade, mas eu já não confio no seu favor. Que atribuladas andão estas compassivas irmãs! e quam precarios seus bons officios! ah! se o Juiz, tomando bem as suas medidas, ousasse assegurar-se de Duarte, para obrar livremente!... porem não, o dever cederá a contemplações e respeitos: e qual Authoridade, quaes soldados então, poderão conter o Illustre apaixonado no seu feroz arrebatamento! eu tremo!... (*Ouve-se dentro um tiro, que soará o mais longe que possa ser.*) Elles ahi estão; não ha mais que esperar. (*Retira-se apressado pelo fundo.*)

SCENA 13.ª

GUIOMAR, HELENA, E FERNANDO, que virão pela direita.

FERNANDO

Esta a balisa de meus passos, ávante não.

GUIOMAR

A'vante sim; a escolta vem chegando, o perigo nos estreita, evitemo-lo; a perda d'um instante póde ser a nossa.

FERNANDO

Aqui aguardarei esse Ministro, essa escolta; não para aproveitar-me dos seus auxilios, mas para os repellir com meu Pai; o que se ambos não conseguirmos, e

elle me derribar a seus pés, tudo está acabado; não ouvirei mais accusações espantosas, jazerei no esquecimento d'um amor e d'um odio, qual mais atormentador! e apasiguada a colera do meu assassino, extincto o objecto da sua atroz injustiça, Dorotheia não será mais perseguida, e vós todas sereis pacificas.

GUIOMAR

Dize antes que atropelladas seremos, e atropelladas sem limites!..... O sangue da victima innocente é o que mais alto reclama vingança.

HELENA

Sim, desgraçado de Duarte, e infinitamente desgraçado, se a tal ponto horrizasse a naturesa!!...(*Ouve-se dentro outro tiro, que soará muito mais perto que o primeiro.*)

GUIOMAR

(*Sobresaltada.*) E' o Juiz!... não me atrevo! ... Filho, ou segue-me, ou eu te deixo: tu repousas n'uma consciencia tranquilla, mas nem todos...

HELENA

Ninguem aqui se receia.

GUIOMAR

Filho, decide-te.

FERNANDO

Parece que minha Mãi vos legou o amor, que a morte não lhe deixou vêr; eu não lhe teria outro!...

GUIOMAR

Eu morro!!

FERNANDO

Todavia não me é possivel acompanhar-vos: a mesma Dorotheia não me fizera tomar essa deliberação!

GUIOMAR

Fazes bem... Dorotheia saberá a tua indifferença por

uma vida de que a sua pende. Adeos !... mas que faço! não, eu não te desampararei; ao que ignoras me sacrifico, como tu ao que ignoras estás immolado.

HELENA

(*Para Fernando.*) Digna é de lastima a tua boa protectora, na sua alienação improvisa mysterios!

GUIOMAR

(*Reparando para a porta do fundo, para onde terá olhado a miudo desde o segundo tiro.*) Ai! elle é comnosco!...

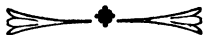
HELENA

(*Reparando tambem para a mesma porta.*) Não vejo Duarte; alonguemo-nos; (*baixo*) não nos atraiçoe alguma palavra tua.

GUIOMAR

Mas se elle vem logo?!

HELENA

Estamos na torre. (*Collocão-se ambas á boca do Theatro, ficando Guiomar em agitação.*)

SCENA 14.ª

As mesmas personágens, e o JUIZ DE FÓRA, *que virá pelo fundo, seguido de Soldados, parando estes proximos ao bastidor.*

O JUIZ

(*Á parte ao entrar na scena, olhando attento para Guiomar e Helena.*) Cá estão essas perversas mulheres, testemunhando a obra da sua iniquidade! o Marquez, a meu vêr, premedita desfazer o enredo; mas para quando!!!

GUIOMAR

Elle observa-nos tanto !...

HELENA

E isso que importa ?!

O JUIZ

(*Dirigindo-se a Fernando.*) Constou ao governo , o reter-vos em carcere privado aquelle , a quem o nome de pai authorisa tão barbaro despotismo ; por isso que a Ordenação do Reino na prohibição de taes prisões , exceptua filhos e escravos , pondo-os assim todos ao mesmo nivel !! Não nos queixemos dos nossos Maiores ; elles souberão fazer um codigo para as suas éras , nós para as nossas não sabemos substitui-lo ; e o vosso tyranno ainda vos continuaria o seu carcere , se tambem não informassem a El-Rei, de que ainda vos destina peores tractos ! por tal motivo , eu venho libertar-vos da parte do Soberano : acompanhai-me. (*Fernando fica como abstracto.*)

GUIOMAR

Duarte não vem......

HELENA

Certo lhe tomão o passo.

GUIOMAR

Deos te ouça.

O JUIZ

Que distracção é a vossa ?! Parti destes lugares.

FERNANDO

E para onde ?

O JUIZ

Parà onde quizerdes ; sois livre.

FERNANDO

Contemplo-me digno de o ser ; mas na posição em

que a Naturesa me collocou, qual ponto da terra não será prisão minha, e prisão de tormentos?!

O Juiz

(*A' parte.*) Desventurado joven! e que eu não possa!...

Fernando

Ah! se não hei de mudar de condição, para que é mudar de lugar! deixai-me existir neste; aqui tenho a vantagem de obedeçer a quem devo.

O Juiz

Obedecei a El-Rei, como sois obrigado, e nada vos intimide; alem daquelles soldados, que bem bastão a defender-vos, outros cobrem as avenidas da torre; estais ao abrigo d'um governo forte, um governo sabio, que talvez vos restitua a felicidade.

Fernando

Felicidade!! sim, ouço-vo-la nomear.

O Juiz

Quando menos, atalhar-se-hão desgraças; desisti da vossa porfia.

Guiomar

Que dirá o Juiz!!

Helena

Sabemos do que se occupa; bem succedido elle seja.

Fernando

(*Com resolução.*) Senhor Juiz de Fóra, é preciso eu ser franco; meu pai entende que este castigo mereço; quero se capacite da minha submissão, já que não sei convence-lo da minha innocencia!

O Juiz

(*Lançando vistas iradas a Guiomar e Helena*) Dessa

o convencera eu... (*Guiomar fica em grande convulsão e Helena com presença firme. O Juiz reprime-se , e segue á parte.*) Tento ; isto é exorbitar-me das instrucções do Ministro.

GUIOMAR

O Juiz ameaça-nos !... tudo sabe !!...

HELENA

Que póde elle saber ?! imbecil , não nos percas.

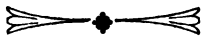
O JUIZ

(*A' parte reparando na situação de Guiomar.*) Naquella ao menos obra o remorso.

FERNANDO

(*Que terá estado como a pensar.*) Ou os meus ouvidos me enganárão , ou fallastes da minha justificação ; ah ! se vos ella é possivel , fazei-me por piedade esse ineffavel beneficio ; não o retardeis ! d'outra sorte não cederei aos vossos esforços , eu vo-lo asseguro.

O JUIZ

Não excedo , nem relaxo as ordens Soberanas ; hão de cumprir-se , embora mau grado vosso. Soldados , para fóra d'aqui o preso ; transportai-o.

SCENA 15.ª

Os mesmos , e DUARTE que sahirá de subito por a porta falsa.

DUARTE

Sim , transportai-o.
(*Guiomar na maior surpresa, e sobresalto possivel , corre a Fernando : Helena a segue.*)

GUIOMAR

Acudamos-lhe !!!...

FERNANDO

(*Com presença d'espirito*) A que vindes ? eu julgo-me salvo.

O JUIZ

(*A' parte.*) Imprevisto acontecimento ! (*Alto para Duarte*) Não cuidei, Senhor, que assim illudisses a minha vigilancia.

DUARTE

Nem hajais disso pejo, Senhor Juiz de Fóra, não foi erro d'officio; ninguem vos denunciou os reconditos da minha casa, e tão pouco aquella serventia, (*apontando para a porta falsa*) já em tão longo desuso, que sobejo tempo gastei em busca das chaves competentes, e por isso tardei a apparecer-vos. (*Reparando em Guiomar e Helena.*) Mas, Senhoras, vós aqui ! e a mim opposerão-me guardas...

GUIOMAR

E nós o somos deste infeliz ; (*Apontando para Fernando.*) Os nossos dias, se necessario fôr, serão o escudo dos seus.

HELENA

E quem ha de attentar contra elles ? seu Pai, não.

O JUIZ

(*Á parte, fallando de Helena.*) Que aspecto !... é o d'uma precíta ! (*alto para Duarte.*) Se furtivamente vos introduzistes no vosso carcere privado, para virdes d'encontro ás determinações do Monarcha, vêde-me resolvido, e habilitado a effectua-las, já que para mais não tendes olhos, já que tanto haveis descido da vossa cathegoria, fazendo necessaria a força para observar-se a Real ordem, que vos intimei com o respeito e delicadeza devida ao vosso nascimento.

DUARTE

(*Com imperio*) Devida a todo o homem, Senhor Juiz

de Fóra ; do meu nascimento me préso , mas infimo que elle fôra , eu não exigira de vós menos attenção ; figadalmente detesto muitos da vossa classe, que vindo de ser gallos ourados na Universidade , reptís nas Secretarias , se achão no poder metamorphoseados em javalis ferozes, e se o perderem ve-los-hemos humildes sabujos.

O JUIZ

Não paliemos com frivolidades a minha commissão importante. Determinais-vos a abrir mão da vossa victima?

DUARTE

A minha palavra não muda com os meus passos ; o que me ouvistes no meu gabinete , é o que me ouvireis em toda a parte.

O JUIZ

Não ha mais que esperar. Soldados, fazei o que vos hei ordenado.

DUARTE

(*Apresentando-se enfurecido diante de Fernando.*) Vinde , leva-lo-heis , mas será vivo , ou morto !.... (*Os soldados que terão dado alguns passos á voz do Juiz , párão agora ; e ficão vacilantes.*)

GUIOMAR

(*Abrigando Fernando em seus braços.*) Morta eu... eu... não elle !

DUARTE

D. Guiomar , abandonai o perverso.

GUIOMAR

Defendo a innocencia, o meu unico merito é este...

FERNANDO

(*Para Guiomar*) Deixai-o apagar no meu sangue o fogo da sua sanha.

HELENA

(*Para Duarte*) Senhor, olhai por vós, que fóra estais da naturesa.

DUARTE

Estou dentro do meu decóro.

O JUIZ

(*A' parte.*) Dura collisão é a minha! mas irei ávante. (*Em voz alta para os Soldados*) Que inacção, ou cobardia é a vossa?! Obedecei sem demora. (*Os soldados se apressão a executar a ordem, antes do que, Duarte tira de repente uma pistola do bolso, e diz:*) Eu serei mais prestes. (*Desfecha sobre Fernando, mas acerta só em Guiomar, que fica morta, sustentada nos braços do dito; e Duarte, em transportes de dôr, arremeça a pistola ao chão. Os soldados se suspendem.*)

TODOS

Que desgraça !!!...

O JUIZ

(*Em voz alta.*) Soldados...

DUARTE

(*Tirando outra pistola do bolso, e apontando á cabeça de Fernando.*) Snr. Juiz de Fóra, a minha dôr não me tira resolução! Mandais capturar-me; um crime fiz !!!... mas seu motor cahirá ao primeiro passo d'essa tropa: desta vez será feliz o golpe.

O JUIZ

(*A' parte*) Que posso eu aqui fazer!... prudencia me cumpre. (*alto*) Cessai, Senhor, de aggravar a justiça. Soldados, retiremo-nos: tudo fica suspenso, até El-Rei determinar o que melhor convier.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV.

A vista é a mesma do 1.º acto, só com a differença do salão estar armado de preto, segundo o antigo uso, na casa em que havia obito. (E' noite.)

SCENA 1.ª

HELENA *só*

O QUE estas paredes fez cobrir de negro, primeiro me enluctou a alma; porém elle, ó Guiomar, desatando-te da vida, mais seguro ficou no laço, que lhe temos urdido; tudo está sellado com o sinete da morte; somos vingadas! E a tua perda!... oh! a tua perda é lamentavel! mas tu eras perseguida por uma consciencia importuna, inimiga do teu bom nome, eras em perigo de succumbir; eu te ajudei a combate-la até ao ultimo dos teus dias; morreste victoriosa, isto me console. A' minha conta fica o nosso importante sigillo, tu no teu repouso não o guardas melhor: o Juiz lançou-nos vistas sinistras, parecendo ter noções do facto, o que é incrivel: nem sequer sônho com a possibilidade d'accusadores nossos; mas se os houver, se eu apanhada for quando menos o cuide, bem prevenida ando; só das mãos do algoz virá á luz o conhecimento da verdade, e no entanto a minha negativa permanecerá illesa em face desse Juiz, em presença mesmo de todo o homem, seja qual for a sua consideração, o seu prestigio, a sua perspicacia. Ainda de próvas atraiçoada, eu com a mão no fogo desmentirei todas, e farei parecer iniqua a mais

justa condemnação. Os exteriores da virtude, contão como a virtude os seus martyres; companheiros tenho... (*Em voz mais baixa, lançando a vista para a porta da direita.*) Devo disfarçar. (*Torna ao primeiro tom.*) Sim, companheiros tenho na minha dôr, o meu bom Sobrinho é um delles.

SCENA 2.ª

A mesma, e ALEXANDRE*, que virá pela direita.*

ALEXANDRE

A vossa consternação não me admira, perdestes uma estimavel irmã.

HELENA

E tu a mais desvelada mãi; recebeu ella o golpe fatal, acudindo á pessoa em que seu filho se interessava; ah! de quanto lhe é credor este filho!!

ALEXANDRE

Sei avaliar o seu desgraçado extremo pára comigo, a magnitude do seu sacrificio, acima de toda a comparação! assim eu lhe pagasse a minha divida, como vós satisfazeis a vossa. Quizera rasgar este coração empedernido, este coração árido, que não me dá lagrimas, quantas o triste caso reclama! que digo! nem sequer as precisas á qualidade filial! Mal daquelle que vê enxuto a morte de quem lhe deu o ser; mal de mim!... a minha sequidão me torna odioso, em quanto o sensivel Fernando, para inveja e vergonha minha, por mim desempenha a piedade, que eu ultrajo: não, a dôr não anniquilla a vida: Fernando ainda vive!

HELENA

Olhos secos, meu Alexandre, não indicão sempre um coração similhante; quando demasiado o carregume

da magoa, fica ella abafada, e suppressa no peito. Certo que o mesmo em ti se passa; mas és tal filho, que se te figura não sentes assás esta catastrophe verdadeiramente horrivel! Agora tenho por um occulto pressentimento della, a repugnancia, que sempre mostraste a alliares-te com o seu desalmado author; a razão de o abominares chegou em fim.

ALEXANDRE

Eis um motivo mais da minha confusão; Duarte, banhado no sangue de minha Mãi, não póde horrorisarme! isto é o menos, o assassino ainda me inspira ternura, e faz a minha complacencia!... enchei-vos de assombro!!

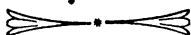
HELENA

Com effeito, nova é no mundo a tua cegueira! outros são os meus sentimentos; eu os dissimulo, porque sou uma fraca mulher, e nem os vinculos que me ligão á infeliz assassinada me habilitão, como os teus, a bradar por justiça: mas como te paga o matador uma demasiada bondade, que póde chamar sobre ti as maldições de teus graves finados?

ALEXANDRE

Não vo-lo sei dizer; acontecida a negra fatalidade, Duarte evitou desde logo avistar-se comigo, cousa bem natural. Quanto elle é digno de dó! lá está o desditoso na capella encerrado, fendendo o ar com tristes alaridos, junto dos caros restos da nossa veneração, depois de ordenar-lhes para ámanhã sumptuoso funeral!

HELENA

O tyranno, com esses clamores, e com essas pompas saberá angariar o mundo: desarmar ã Authoridade, não: offendida d'uma resistencia, a mais aggravada, já talvez ella ahi volte, munida de preçauções melhores: vou á galeria. (*Retira-se pela direita.*)

SCENA 3.ª

Alexandre e Duarte, que entrará pelo fundo, espavorido e na maior distracção possivel, imaginando-se só.

ALEXANDRE

(*Á parte.*) Que situação a sua! como lhe fallarei!

DUARTE

E pude eu aspergir a agua expiatoria sobre aquelle pó adoravel! e com esta mão, que tão impiamente anniquilou a morada d'um espirito angelico! sim, pude, e com esta, farei pezar-lhe menos a sua illusão terrena por um infame; lá tudo tem visto aonde nada se offusca, de lá me recommenda, e não em vão, a dignidade do meu caracter......... (*Dando com os olhos em Alexandre.*) Quem é? oh! és tu! foge, foge ao assassino, o primeiro dos assassinos!... porém não, não lhe fujas, tem compaixão delle; elle é tambem o primeiro, entre quantos movem piedade! Alexandre, este apparato lugubre que nos rodeia, é por tua Mãi, estás orfão, e orfão ás mãos do teu maior amigo! eu fui quem a matei, eu mesmo, acredita-lo-has!!! dize, interrompe, se podes, o sagrado d'essas lagrimas.

ALEXANDRE

(*Suffocado em pranto.*) Insidias sei da vossa estrella!...

DUARTE.

E não me detestas?!

ALEXANDRE

Choro-vos...

DUARTE

E não me cobres de imprecações?!

ALEXANDRE

Lamento-vos, lastimo-vos....

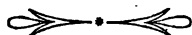
DUARTE

Qualquer outro é justo em me lastimar, tu, magnanimo! mas não devo esperar mais de ti: a parte offendida, quer ser satisfeita sem lhe importarem circumstancias. O meu braço, ao fulminar o crime, resvalou sobre o deposito da minha confiança; uma vida extinguiu, toda a mim consagrada! commiseração mereço, posso talvez contemplar-me innocente, mas eu dei morte a tua Mãi; e então de que modo has-de tu absolver-me no tribunal do teu coração! que razões em meu favor hão d'ahi allegar-se!

ALEXANDRE

Não careceis dellas para dobrardes a prazer vosso esse tribunal; nem vejo como possais movê-lo a condemnar-vos.

DUARTE

Ah! meu Alexandre, da graça de Guiomar era eu seguro; a generosidade por que tanto se abalizou na terra, infallivel será no reino supremo da indulgencia, onde não a perturbão paixões mundanas; tu, porem, exerces uma tal virtude ainda dentro da natureza fragil; tu és mais assombroso; não cuidei que assim se houvesse reproduzido aquella alma admiravel!! sim, Alexandre, o teu perdão te immortalisa; confundido o acceito; mas não insisto mais no bello projecto da nossa alliança; tornei-me indigno della: misera filha!!...

SCENA 4.ª

Os mesmos, e HELENA, que entrará pelo fundo.

HELENA

Senhor, desculpai-me; ruim nova vos trago.

DUARTE

Volta o Juiz?! A' torre, á torre, sangue, sangue...

sendo a meus olhos o anathemisado cadaver, deixarei manietar-me!

HELENA

Poder cahe sobre nós de peor catadura; tudo treme á voz da Inquisição!

ALEXANDRE

Arripia-se-me o cabello!

HELENA

Como tenho a peito as vossas cousas, tomei à mim a mensagem, que se vos trazia, para conferenciarmos a sós, e sem demora, sobre tão grave acontecimento.

DUARTE

D. Helena, sois um Nuncio celeste; vossa irmã á vista de Deos, solicitou-me a sua justiça; vendo fallecer-me a dos homens; pedia eu colorado desterro para o author do meu opprobrio; um prevaricador da Authoridade Real illudiu minha súpplica, e me obrigou a dar estampido do caso vergonhoso; ahi tem agora a espada divina a ensinar-lhe como se é Ministro: Fernando passa das minhas ás mãos que merece.

HELENA

Pois entregareis vosso filho á voragem inquisitorial?!

DUARTE

Sim, e desde já fica devasso este domicilio a quem venha apoderar-se do matador de vossa irmã; já aqui não sou necessario.

HELENA

Deos hade proteger-vos, e muito mais se homiziardes o pobre Fernando: ah! ponde um termo a desgraças; por aquelle do meu sangue, desastrosamente espargido, vos conjuro em favor do vosso!

ALEXANDRE

No mesmo empenho sou: sabeis o meu jús ao vosso

acolhimento : poder algum ousará perseguir-vos, ou se o fizer, acharemos reçursa.

DUARTE

Sei o que vale a vossa clemencia; mas se hei de obte-la debaixo de condições intoleraveis...... então....

ALEXANDRE

Senhor, não vos afflijais; nós intercedemos por um desgraçado, cuja sorte faz outro.

HELENA

Sobrinho, não avances tanto; o nosso bemfeitor é bom pai, não ha precisão de o mortificarmos dessa maneira para elle se compadecer de seus filhos.

DUARTE

O réo é só Fernando.

ALEXANDRE

(*Para Helena*) Devemos ser francos. (*Para Duarte*) Dorotheia corre o destino de seu irmão; occultemo-la ao menos.

DUARTE

O teu cuidado por ella muito me penhora, e que eu seja o que sou!... o teu cuidado me enternece, mas tranquiliza-te; já com essa objecção me vierão, e eu fiquei pacifico.

HELENA

O villão, a quem esta manhã um presente engeitastes, só vejo capaz d'uma tal denúncia: tremo dos meus juizos! o brutal, brutalmente havia de vingar-se.

DUARTE

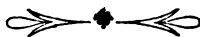
Ninguem se atreveria a accusar Dorotheia, todos os nossos aldeãos a estremecem. N'uma palavra, o dado a Satanaz não tem cumplice no seu infernal desenfreamento, e tentativas pecaminosas, malogradas á mingoa de possibilidade, como obras provocão a íra do Ceo; o Santo Officio toma o Ceo por modelo. Não me ad-

mira advogardes o merecedor de toda a execração; esse impostor faz-me perder amigos; o mesmo Anselmo abandonou-me por elle; não o hei deparado na maior carencia de consolações suas: abandonai-me vós tambem, que eu parto a satisfazer ás requisições da verdadeira justiça. (*Toma o caminho da porta do fundo.*)

HELENA

(*Para Alexandre*) Vê se o contens.

ALEXANDRE

(*Seguindo Duarte.*) Quem tal alcançára! (*Os dous se retirão*).

SCENA 5.ª

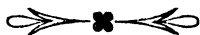
HELENA *só.*

Instar eu com Duarte a bem de sua filha! não, no falso interesse póde enxergar-se o verdadeiro. Mas a que imprevista posição sou chegada! qual o passo inopinado que se me offerece!... ah! coração fraco, tu não me abalas; lançarei nos subterraneos medonhos o filho de minha irmã; e terei olhos para o ver a tormentos; e terei ouvidos para ouvir os seus gritos. Tu has sido o coração da cobiça, do amor proprio, já não podes ser outro: a minha lingoa não destruirá o que fizeste. Os crimes quanto mais se arreigão, mais reprimem, e difficultão a declaração delles; a dos meus é já impossivel...

DOROTHEIA (*dentro.*)

Soccorro, ó Deos, soccorro!!

HELENA

(*Continúa.*) Dorotheia ouço; como affligida anda aquella das minhas victimas! devo affectar piedade para com ella. (*Em tom mais alto*) Minha filha, aqui tens quem te acompanhe nas tuas angustias.

SCENA 6.ª

A mesma, e DOROTHEIA, que virá pela direita.

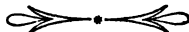
DOROTHEIA

(*Lançando-se nos braços de Helena, em que estará alguns momentos.*) Não choremos já vossa irmã, não vê Guiomar o que vamos vêr! grande é a felicidade dos mortos! elles estão fóra d'um mundo, aonde desgraça, por mais que avulte, não póde dizer-se a maior, nem a derradeira. Fernando cahe no poder do Santo Officio, não o duvideis, é certo!

HELENA

Oxalá o não fôra, sois bem infelizes, comvosco me deploro!

DOROTHEIA

A terna Guiomar em sua irmã revive; porem, amiga minha, atrever-se-hão a condemnar o innocente?! e que pena lhe será imposta?! a ultima não; não é esse tribunal como no-lo pintão... dizei-me que não... mas calais!! o vosso silencio é muito expressivo; eu vou, eu vou em vez da sua pôr a minha cabeça no cêpo!! (*Corre á porta do fundo, e é suspendida por Alexandre, que d'alli sahe.*)

SCENA 7.ª

As mesmas e ALEXANDRE.

ALEXANDRE

Aonde te encaminhavas em tanto desconcerto?

DOROTHEIA

Ao Inquisidor... aonde está o Inquisidor?

HELENA

E Fernando?

DOROTHEIA

E meu irmão? já no-lo arrebatárão? não me dilates, que temo não poder alcançá-lo.

ALEXANDRE

O tecto paterno ainda o cobre, mas já não se lhe vale; Deos nos ajude melhor n'outra causa. Dissuadir não pude Duarte do seu cruel proposito, e o Ministro implacavel, depois d'haver ás mãos o meu infortunado amigo, para mais profundamente ferir-nos, tambem, Dorotheia, te requisita.

DOROTHEIA

Requisita-me?

ALEXANDRE

E teu pai, que á nova ordem ficou como assombrado de raio, nega-te porfiadamente.

DOROTHEIA

Mal faz elle nisso; oppõe-se á unica parte plausivel da ruim diligencia; eia, leva-me aonde esteja meu irmão, quero-me na mesma algema... Nunca em toda a minha vida me negaste um favor, um só favor, negar-me-has o ultimo!...

ALEXANDRE

Não me rales o coração...

DOROTHEIA

Leva-me...

ALEXANDRE

A voz modéra, que talvez se ande em tua busca. (*Para Helena*) Senhora, interessais-vos por Dorotheia?

HELENA

E quem o duvída!

ALEXANDRE

Está bem, eu a conduzirei para aquelles sitios; (*In-*

dicando a porta da esquerda) rogo-vos que sob algum pretexto affasteis d'alli algum domestico ; de precauções ninguem se arrepende.

HELENA

Vinde com segurança. (*Retira-se pela esquerda.*)

SCENA 8.ª

Os mesmos menos HELENA.

ALEXANDRE

(*Tomando Dorotheia pelo braço , querendo levá-la para o lado esquerdo.*) Vamos.

DOROTHEIA

(*Resistindo.*) E a que lugar? para alli não presumo eu o Inquisidor.

ALEXANDRE

Por isso mesmo ; vamos , e prestes ; mostrar-te-hei escondrijo , aonde lhe escapes : a tua perturbação faz-te preciso o meu auxilio.

DOROTHEIA

(*Soltando-se do braço de Alexandre.*) Que intentas ! se queres ensinar-me o caminho da morte , seguir-te hei ; se não , eu saberei acha-lo !

ALEXANDRE

O teu desacordo me assombra ! que é de ti !!

DOROTHEIA

E que é d'Alexandre ! o meu condescendente Alexandre , que sempre me foi propicio !

ALEXANDRE

Aquelles passos !... delibéra-te.

DOROTHEIA

Uma só vez me determino.

O INQUISIDOR (*dentro*)

Ouve-se voz de mulher, vejamos se é a complice.

DUARTE (*dentro*)

Complice! ah! não.

ALEXANDRE

Fujamos, é o Ministro da Inquisição tremenda!

DOROTHEIA

Aguarda-lo-hei.

O INQUISIDOR

(*Ao bastidor.*) Entremos; o réo fique debaixo da nossa vista.

SCENA 9.ª

Os mesmos, o INQUISIDOR, DUARTE E FERNANDO, *que entrarão pelo fundo, seguidos de familiares.*

FERNANDO

Dorotheia, que esperas aqui? pois tendo-nos separado a desgraça, far-nos-ha a final companheiros no martyrio!!

DOROTHEIA

E somos a final felizes; a uniaõ que na vida nos era defesa, é-nos permittida na morte! uná-mo-nos...(*Corre a Fernando arrebatadamente.*)

O INQUISIDOR

(*Em tom ríspido e severo.*) Afastai-vos, sacrilegos. (*Dorotheia retrocede espantada.*)

DUARTE

(*A' parte em confusão.*) Perdeu-se a insana! como a desculparei!!

O INQUISIDOR

(*Para Duarte.*) Agora vos foi revelada a salutar providencia do tribunal de Deos; rompeu-se o sigillo, não é nosso o erro. (*Com ironia*) Com effeito, é esta a vossa gabada filha? oh! que estupenda a sua virtude!

DUARTE

Senhor... (*Fica impedido.*)

ALEXANDRE

(*A' parte, fallando de Dorotheia e Duarte.*) Não sei qual mais commove!

DUARTE

Snr. Inquisidor, bem vemos como o perdido se aproveitou da situação a que seu peccado o arrasta, para mover esses affectos de apparencias odiosas, urge confessá-lo; mas não é minha filha a primeira mulher, a quem méras emoções de piedade fazem parecer o que não é. (*Voltando-se para Dorotheia*) Com tudo, desassisada, não cuides disfarço a tua inconsideração; a meu cargo fica o punir-te.

O INQUISIDOR

A Santa Inquisição fa-lo-ha melhor.

DOROTHEIA

Perdoe-me Deos no Ceo, e embora na terra me condemne o que se diz seu tribunal: mas a Graça suprema, da vossa depende, ó Pai lamentavel, e lamentavel tantas vezes, quantas quizereis não ter dado existencia á filha insubordinada! Um pai deve arrepender-se de o ser, vendo-se desobedecido d'um filho; e quão duro será esse arrependimento!! Mandaes-me vêr em Fernando um monstro de crimes; eu oppressa nos limites de sua irmã, não vejo nelle senão um ente virtuoso, um ente que me encanta, e só tenho n'alma, como espinho no olho, o pesar de ir nisto contra vontade vossa!

DUARTE

Desatinada!...

O INQUISIDOR

(*Para Duarte.*) Tendes-lhe ouvido assás? quereis uma declaração mais explicita, mais solemne?! respondei. (*Duarte fica embaraçado, e Helena apparece ao bastidor, o Inquisidor continúa.*) Nossos familiares, tomai conta d'elles; ambos são réos de lesa Magestade divina. (*Os familiares mettem entre si Fernando e Dorotheia; Duarte gesticúla como alienado.*)

HELENA

Naturesa, em vão aqui me attrahiste...

DUARTE

(*Em delirio, e em voz forte.*) D. Guiomar, D. Guiomar......

HELENA

(*Fallando de Duarte.*) Comprazo-me do estado em que o vejo, mas devo lisongeá-lo.

SCENA 10.ª

Os mesmos, e HELENA, que virá pela esquerda.

HELENA

Se minha irmã não existe, eu existo, e levo em gosto servir-vos.

FERNANDO

Vindes, Senhora, á nossa ultima despedida!... quanto, quanto o coração me goteja sangue, com a imagem da que expirou em meus braços!!

DUARTE

(*Ainda delirante*) D. Guiomar...

DOROTHEIA

Deliraes, meu Pai?!

DUARTE

(*Em seu sizo*) Ah! eu assassinei-a, e chamava-a em meu soccorro! assassinei-a, e sua irmã me escutou por ella!

HELENA

Sim, áqui me tendes em seu lugar.

O INQUISIDOR

Matador do vosso similhante, não vos admireis de que a vingança divina cáia sobre sangue vosso.

DUARTE

Mas a que fim padecer a innocencia? (*Ajoelha ante o Inquisidor.*) Snr. Inquisidor, se Ministro sois do árbitro das Misericordias, em seu nome vos condoei de minha filha; condoei-vos de seu atribulado Pai; deixai-m'a. (*Para Helena*) Vós, que a exemplo da minha victima, puramente anjo, me perdoastes, sêde-o ainda em solicitar-me piedade.

HELENA

(*A' parte*) Feliz ensejo! talvez eu consiga... (*Neste comenos o Inquisidor levanta Duarte com asperesa, a cuja acção Helena fica immovel.*)

O INQUISIDOR

Sahi dessa posição provocadora, e menos ahi suppliquem mulheres; a serpente não nos tentará.

DUARTE

(*Baixo*) Ingrata... o que soffrem por ella estas cans!!

HELENA

(*Na mesma voz*) Selvagem! mas Helena não se humilhou.

ALEXANDRE

(*Na mesma*) E' muito!!

O Inquisidor

Convencido o Sancto Officio da gravidade da diligencia, encarregou della este seu indigno Inquisidor, por um accôrdo especial: não se dirá que lagrimas profanarão os pés do representante do Deos terrivel; outro não está aqui; o Deos bom, não é já para vossos filhos. (*Voltando-se para os familiares*) Vêdes integridade, e resolução; secundai-nos, desempenhai o ministerio sagrado. (*Os familiares começão a condusir os prezos para a porta do fundo, e Dorotheia os faz parar, dizendo*:)

Dorotheia

Duas palavras ao author dos meus dias, depois leva-los-heis ao seu termo. Meu Pai, eu estou a libar o calix da morte, consenti que o adoce invocando-vos; não vos canceis em promover-me salvação no mundo, é ella impossivel, não assim a eterna, a só de apetecer-se: seu principio cabe ao vosso coração, o coração paternal, sim, perdoai-me, que Deos me perdoará tambem: se vos magôa não poder grangear-me a indulgencia alheia, não me priveis da vossa, que é a verdadeira indulgencia! Fernando, supplica para ti o mesmo dom precioso, e ambos morreremos tranquillos.

Fernando

Comtigo o imploro.

Duarte

A friesa do réprobo faz tremer por o impenitente; a filha, é filha... (*Fica afogado de lagrimas.*)

Helena

(*A' parte*) A sorte do homicida suavisa a minha.

Alexandre

Quem não tivera ouvidos, nem olhos!

O Inquisidor

(*Para os Familiares.*) Já suspeitos me sois de commiseração vergonhosa; parece andaes nisto por sanardes

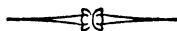
famas; dai-vos pressa. (*Os familiares conduzem os prezos para a parte acima indicada.*)

DOROTHEIA

Meu Pai, arrastão-nos ao supplicio; não nos negueis a vossa ultima benção, não fecheis o Ceo a vossos filhos!... (*Duarte corre a Dorotheia, que já está com Fernando perto do bastidor.*)

DUARTE

Não, tu não irás......

SCENA 11.ª

Os mesmos, e o MARQUEZ DE POMBAL, que virá pelo fundo, acompanhado d'ANSELMO. O INQUISIDOR á vista do MARQUEZ retrocede ao meio do Theatro, fazendo signal aos familiares, para que deixem os prezos; estes o seguem, e todos occupão a dita posição, excepto os familiares, que se conservão no fundo.

DUARTE

(*Surprehendido e em voz baixa.*) O meu inimigo!!...

O MARQUEZ

Que é isto, Senhor Inquisidor?

O INQUISIDOR

(*Abaixando a cabeça.*) Profundo mandato do Sancto Officio: confiamos, Senhor Marquez, que o Ministro d'El-Rei não lhe contravenha.

O MARQUEZ

Quer n'uma quer n'outra cathegoria, presente está Sebastião José de Carvalho e Mello, o fiel vassallo d'El-Rei, e não esperava achar-se na actual conjunctura.

HELENA

(*A' parte, e confusa.*) Não sei o que adivinho......

O MARQUEZ

Desvaríos ou turbulencias d'uma cabeça estragada, razões bem ponderadas, obrigárão o Marquez de Pombal a esta extraordinaria *Visita.*

HELENA

(*A' parte.*) O' Guiomar, quão bem desconfiavas d'um tal patrono!

ANSELMO

(*Baixo para Duarte.*) A que momento elle chega! felizes as minhas instancias.

DUARTE

(*No mesmo tom.*) Sim, falsario, felizes as tuas instancias, para o author da minha desgraça vir ainda regosijar-se da sua obra!

O MARQUEZ

Senhor Duarte, aonde está o Amigo do Marquez de Pombal? aquelle, que foi universalmente amavel, porque verdadeiramente virtuoso, capaz de senhorear corações de Principes, sem quebra, nem desar do Poder? aonde o benemerito, cuja degradação esta vista funebre, esta horrorosa scena estão testemunhando?

DUARTE

(*Baixo.*) Perdido como estou, que mais tenho a temer!... (*Alto*) Tudo isto, Deos o acoime a quem toca... Falto de merecimento, eu só tive a desdita de haver altas relações, a que só recorri na extrema necessidade, e não me vai nisso, senão a satisfação d'alma de nunca em minha vida me vangloriar com patronos: agora acho-me assassino, assim é, assassino, e de quem!... de mais a mais, que sorte a minha!... mas se não houve braço para me valer, have-lo-ha para castigar-me.

O Marquez

(*Com imperio.*) Silencio, Senhor Duarte, respeito; El-Rei sabe o seu magno officio.

O Inquisidor

E permittir-nos-ha o seu Ministro continuar a nossa commissão?

O Marquez

Não se entenda, que o seu Ministro desacate por maneira alguma as ordens inquisitoriaes; são-lhe muito sagradas; mas casualmente expectador d'um acto, que pede e talvez não obtenha exacta circumspecção, elle a reclama illesa em nome de seu Augusto Amo.

Anselmo

(*Baixo para Duarte.*) Esperança no homem único.

Duarte

(*Tambem baixo.*) Esperança de loucos.

O Inquisidor

O Tribunal, de quem somos indignos servos, é, por assim dizer, na profundidade do mysterio inaccessivel aos juisos humanos; a ninguem pois é dado julgar seus commissarios, e menos marcar-lhes conducta.

O Marquez

O Sancto Officio, estabelecido por o Monarcha, ha de corresponder em tudo ás idéas, que o Monarcha tem de justiça, e todos recebemos de Deos; d'outra sorte... a creatura ao seu Creador está sujeita; já me percebereis...

O Inquisidor

Senhor Marquez, perdão; mal rastreamos n'essa a lingoagem do Netto do Senhor D, João 3.°, de veneravel memoria.

O Marquez

(*Energicamente.*) Pois esta lingoagem é a sua propria: o seu fiel vassallo nunca falsificará a real palavra; e o que se vos diz, é o que disséra no Seculo 18.° o fundador da Inquisição. (*Em voz baixa para Anselmo.*) Elles confessão-se comigo, e queixão-se.

Anselmo

(*Na mesma voz.*) Em boa mão estão os fanaticos, e os orgulhosos.

O Marquez

Senhor Inquisidor, entendamo-nos; eu comprehendo o fim, e a materia da vossa commissão, é ella mui grave, requer maduresa.

O Inquisidor

Obediencia requer, a mesma que ao Soberano apraz.

O Marquez

Sim, o Soberano quer ser lealmente servido, mas com aptidão e discernimento. Senhor Inquisidor, saber mandar é bom, porem melhor o saber cumprir; entre um e outro officio vai consideravel differença; o primeiro é corrente e facil, o segundo espinhoso e difficil, neste não ha tento que sóbre: o descredito de quem manda, deve-se as mais das vezes á impericia, ou perversidade de quem executa.

Alexandre

(*Baixo para Anselmo.*) *A Visita do Marquez de Pombal*, que vos é devida, vai parecendo fausta...

Anselmo

(*Na mesma voz.*) E' fausta sem duvida.

O Inquisidor

A Sancta Inquisição manda-nos presentar esses dous accusados perante ella; evidente é o nosso dever.

DOROTHEIA

Sim, Senhor Marquez, denuncião-nos áquelle Tribunal por inclinações do coração; o coração está sem remorso, e nós não nos sabemos justificar.

HELENA

(*A' parte.*) E eu reterei até á morte a chave do segredo...

DOROTHEIA

Possa porem a real clemencia acobertar ò nosso bom Pai, que então á beira do sepulcro ainda poderemos saborear vida.

FERNANDO

Dorotheia, não façamos vacilar o Senhor Marquez sobre a nossa conducta, é ella sem tacha; nós queremo-nos como os que de boa fé se querem.

DUARTE

(*Baixo.*) E ainda ouvir isto!!...

ALEXANDRE

(*Baixo, para Anselmo.*) Deos, e a beneficencia Real nos indemnisem de tanta dôr!

ANSELMO

(*Na mesma voz.*) Seguramente o espero.

O INQUISIDOR

A gala que elles fazem do *Sambenito*; bemdicta seja a Providencia divina, que assim põe ás claras a infallibilidade dos seus Ministros!!

O MARQUEZ

Essa infallibilidade vela-hemos breve; muitos e mui precipitados são os interpretes da Providencia.

DUARTE

(*Baixo alludindo ao Marquez.*) Qual será seu intento!... não póde ser bom.

O INQUISIDOR

Ouvida a terminante confissão dos réos, estaremos ainda com mais delongas?!

O MARQUEZ

Magistrados civis teem a cumprir um dever, depois do qual está o vosso.

HELENA

(*A' parte com sobresalto.*) E' de mim que se trata... valor.

DUARTE

(*A' parte alludindo ainda ao Marquez.*) Temos as suas futeis averiguações... bem o digo eu.

O MARQUEZ

Vassallo, como vós, não me opponho á vossa pertinacia; mas perante Sua Magestade respondereis por ella.

O INQUISIDOR

(*A' parte.*) Como elle rouba e disfarça a púrpura! forçoso é ceder ao Vassallo Rei. (*Alto*) Senhor Marquez, nós desejamos contentar o nosso Tribunal; mas tambem não queremos de modo algum desprazer a Sua Magestade.

O MARQUEZ

Agora bem ides; a precipitação a nada prejudicial como á justiça, põe muitas vezes os innocentes no lugar dos culpados, o que a meu vêr aconteceria se vos aferrasseis no vosso proposito. (*Para Helena, olhando-a fixamente.*) Que vos parece isto, Senhora?

HELENA

(*Com perturbação.*) Pensar do grande Ministro...

O MARQUEZ

(*A' parte.*) Bem informado está El-Rei...

HELENA

(*A' parte.*) Que me algemem, que me torturem..... mas não fosse eu perder... (*Põe a mão sobre o seio*) bom, cá está.

O MARQUEZ

(*Tendo reparado na acção de Helena.*) Vós occultaes o quer que seja.

HELENA

(*Na maior perturbação possivel.*) Não é punhal...... não é cousa suspeita......

O MARQUEZ

A vossa perturbação depõe o contrario.

HELENA

(*A' parte.*) Capaz o julgo de mandar examinar-me.

O MARQUEZ

Careceis de vos justificardes...

HELENA

(*Baixo*) O dólo se ajude da verdade. (*Alto.*) Eu guardo um documento importante, inviolavel... (*Tira do seio um papel lacrado.*) Ei-lo, é o meu testamento.

O MARQUEZ

Importante deve elle ser, visto não o fiardes da vossa gaveta; mas inviolavel não; quero vê-lo.

ANSELMO

(*Para Duarte.*) Alegra-te!

DUARTE

Enojo-me!

O INQUISIDOR

(*Baixo*) Insólita prepotencia!!

HELENA

(*Em total desconcerto.*) Como, Senhor! pois o amigo da legalidade, calcando o mais sagrado, o mais tremendo de todos os respeitos, attentaria contra a Lei, tão estranha, e sacrilegamente!!!

O MARQUEZ

O caso exige medidas extraordinarias; quero vê-lo. (*Arrebata das mãos de Helena o papel, que immediatamente abre; ella dá um grito; e fica immovel, fazendo todos um signal d'espanto; Duarte, Alexandre, Fernando, e Dorotheia deverāō mostrar-se estupefactos, e assim continuar, ao ler o Marquez o seguinte:*) "Por mim, e por „ meus Finados, declaro que Fernando não é irmão de „ Dorotheia; que é filho de Guiomar; e Alexandre filho „ de Duarte. Não haja sobre isto o menor litigio; pois „ é certo nascer Alexandre com uma verruga na summida- „ de da testa, acolhendo o trahido Pai, como proprio, o „ menino, que por tal lhe apresentamos sem este desar, „ o qual fingimos ter-se-lhe desfeito, por ser uma sim- „ ples bôlha lymphatica. Em fim, observada a testa de „ Alexandre, ver-se-ha o signal de verruga, que ahi hou- „ ve carnoza, cuja destruição deu grande trabalho, a „ muito risco do paciente." (*Acaba de ler, e diz para „ Helena*) E' esta a vossa declaração testamentaria?

HELENA

(*Com voz profunda*) Maldita a minha mão!... (*gesticúla horrivelmente.*)

O MARQUEZ

Basta.

O INQUISIDOR

Não ha confusão similhante!!!

HELENA

(*Com fúria.*) Ainda aqui me conservão! arranquem-me, arranquem-me a vida, que ella está infamada! ella é o meu primeiro inferno! este inferno, que devo a *Uma Visita do Marquez de Pombal!!!*

TODOS

(Menos o Marquez e o Inquisidor, para Helena com indignação.) Precíta!!!... precíta!!!...

O MARQUEZ

Acalmem-se os espiritos, e oução-me todos: o Senhor Duarte, a quem uma fraude arrebatou até á loucura, aguarde seu destino do claro juizo de Sua Magestade, que sabe graduar a pena ao delicto. A *Precíta*, a sempre condemnada por a justiça de Deos, essa, experimentará tambem a justiça d'El-Rei:... sua irmã foi muito feliz. [*Cahe o panno.*]

FIM DO DRAMA.